



“Não temos um conhecimento muito claro do potencial do pampa, pois o nosso olhar de preservação ambiental é muito voltado para os ecossistemas florestais e pouco para os ecossistemas campestres”, constata o geógrafo Roberto Verdum, professor da UFRGS, nesta edição, cujo tema de capa, é sobre o maior bioma do Rio Grande do Sul.

O pampa é “uma das áreas do planeta com maior diversidade de gramíneas (capins e afins)”, constata o biólogo Glayson Ariel Bencke, pesquisador do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Segundo ele, “são 400 espécies só nos campos do Rio Grande do Sul”. Mais: 15% das 250 espécies ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul habitam somente campos, sendo seis mamíferos, 25 aves, um réptil, três anfíbios e três espécies de abelhas. Há também um número significativo de espécies de animais e plantas que são endêmicas do pampa, ou seja, não existem em nenhum outro lugar do planeta. “No Rio Grande do Sul, destacam-se muitas espécies de cactos, de grande valor ornamental, que só existem aqui”, complementa o pesquisador. Esta impressionante e peculiar biodiversidade está agora ameaçada pela implantação de monoculturas de árvores exóticas. Segundo o biólogo, três impactos são previsíveis: redução da biodiversidade, redução da disponibilidade de água e salinização do solo.

Além dos dois pesquisadores supramencionados, contribuem nesta edição com suas pesquisas sobre o pampa, Valério De Patta Pillar, professor do Departamento de Ecologia da UFRGS, Wilgold Bertoldo Schaffer, coordenador do Núcleo dos Biomas Mata Atlântica e Pampa na Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, a bióloga Luiza Chomenko, do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, o fotógrafo Leonid Streliaev e José Mauricio de Carvalho, do Departamento de Filosofia da UFSJ.

A presente edição complementa a edição nº 183 cujo tema de capa foi *Floresta de Araucária. Uma teia ecológica complexa*. Os biomas pampa e floresta de araucária são, respectivamente, o primeiro e o segundo biomas mais importantes do Rio Grande do Sul.

As entrevistas com o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, do Instituto de Economia da Unicamp e com Heloisa Primavera analisam aspectos diferentes da economia brasileira e latino-americana.

A exibição nas telas brasileiras do filme *A Criança* (L'Enfant), dos irmãos Dardenne, Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2005, é o “filme da semana” desta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

Editorial **pg. 1**

Tema de capa

Entrevistas

Roberto Verдум: O pampa. Ainda desconhecido **pg. 4**

Glaysom Ariel Bencke: Monoculturas podem decretar o fim dos pampas **pg. 10**

Valério De Patta Pillar: Reforma agrária é compatível com conservação dos campos **pg. 14**

Wigold Bertoldo Schaeffer: Sociedade deve fiscalizar empresas **pg. 17**

Luiza Chomenko: O pampa no atual modelo de desenvolvimento econômico **pg. 22**

Leonid Streliaev: O pampa. Onde se enxerga longe **pg. 30**

José Maurício de Carvalho: O pampa. Um espaço humano de promessas e realizações **pg. 32**

Brasil em Foco

Luiz Gonzaga Belluzzo: “É preciso que se crie um banco latino-americano de desenvolvimento” **pg. 35**

Destaques da semana

Entrevistas da Semana

Chico de Oliveira: A irrelevância da política **pg. 40**

Cristovam Buarque: O projeto de país entre o ABC e a Avenida Paulista se esgotou **pg. 44**

Filme da Semana

A Criança (L'Enfant) pg. 48

Alysson de Oliveira: Um filme, várias ambigüidades pg. 49

Bernardo Krivochein: Quando exatamente um humano torna-se desumano? pg. 51

Livro da Semana

O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Giovanna Bartucci: Tudo o que Jacques Lacan falava delas pg. 52

Debate da Semana

As missões jesuíticas e o *Jornal Nacional* pg. 55

Beatriz Franzen: "Teocracia nas missões? Não aceito!" pg. 56

Arthur Rabuske: Estudos sérios são necessários para entender as Reduções Guaranis pg. 57

Alcy Cheuiche: *Jornal Nacional* nas Missões Guaranis: entre tapas e beijos pg. 58

Sandro Schmitz dos Santos: "Não houve o império jesuítico" pg. 60

Seminário Internacional reflete sobre legado jesuíta pg. 61

Destaques On-line

pg. 62

Frases da Semana

pg. 65

IHU em revista

Eventos

pg. 69

IHU Repórter

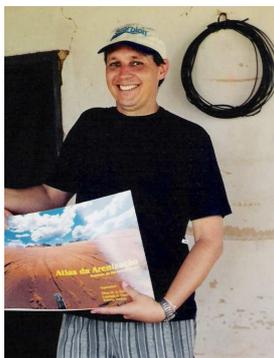
pg. 77

Errata

pg. 80

O Pampa. Ainda desconhecido

Entrevista com Roberto Verdum



Para o geógrafo, professor do Departamento de Geografia da UFRGS, Roberto Verdum, muito está se falando dos impactos ambientais causados pelo plantio de pinus e eucaliptos em áreas como o pampa. “Estamos falando muito da intervenção dessas monoculturas na água, nos campos, mas estamos esquecendo de falar da ruptura cultural que vai ocorrer fortemente nesta área. Este é um custo ambiental difícil de mensurar”, completa.

Nesta entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, o professor diz que, com a introdução de árvores exóticas, surge uma nova era. Entretanto, ainda não conhecemos e nem compreendemos suficientemente o bioma pampa, portanto não temos como conhecer os impactos desse projeto econômico que o Brasil segue. Verdum afirma: “A Stora Enzo está comprando propriedade em um lugar rico em recursos hídricos, vamos dar uma água de alta qualidade para produzir eucaliptos?”.

O professor é mestre em Geografia e Gestão do Território pela *Université de Toulouse Le Mirail*, também é doutor pela mesma universidade, abordando o tema *Arenização no Rio Grande do Sul, municípios de São Francisco de Assis e Manuel Viana*, 1997. É autor, entre outros livros, de *Rio Grande do Sul - paisagens e territórios em transformação*. Porto Alegre: UFRGS, 2004 e *RIMA - Relatório de Impacto Ambiental, legislação, elaboração e resultados*. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

IHU On-Line - Quais são as delimitações geográfica dos pampas? E o que vem mudando na geografia dos campos sulinos?

Roberto Verdum – Os pampas passam pelo Rio Grande do Sul, parte da Argentina e do Uruguai. Podemos pensar que já ocorreram mudanças desde a época da colonização portuguesa e aí uma ligação muito

próxima com as missões jesuíticas¹

¹ **Missões Jesuíticas:** Missões é a simplificação da expressão Território dos Sete Povos das Missões, que designa a região situada a noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, na atual fronteira entre o Brasil e a Argentina, a leste do vale do Rio Uruguai. As missões jesuíticas tiveram grande importância histórica para todo o Brasil. O Tratado de Madrid estabeleceu limites entre territórios Espanhóis e Portugueses, e os Sete Povos das Missões passaram a pertencer à Espanha, o que obrigaria os índios a mudarem-se para a outra banda do rio Uruguai. Esse foi um dos motivos que determinaram a Guerra Guaranítica, uma

quando essa área era central para a atividade de pecuária. A partir do século XVII, com a própria desestruturação dessas missões, uma parte deste gado que circulava pelo Estado foi sendo apropriado, e claro, com a intenção da própria coroa portuguesa de tentar demarcar suas fronteiras com a colônia espanhola, começaram, então, a ser distribuídas as sesmarias². A atividade de pecuária foi introduzida com a migração e com a própria desestruturação das comunidades indígenas. No momento em que há definição dessas fronteiras entre a coroa espanhola e a portuguesa é que começa a estabelecer-se esta estrutura fundiária que nós herdamos até hoje, médias e grandes propriedades com mais de 500 hectares. Esta estrutura é tão forte que ela representa um espaço geográfico aqui no Estado reconhecido como

guerra que colocou os jesuítas, aliados aos índios Guaranis, contra os exércitos dos países ibéricos, e esse foi o marco da derrocada de um império maravilhoso, que acabou se transformando nas ruínas que hoje podemos conhecer no Sul do Brasil. Leia, nesta edição, na página 56 comentários sobre a reportagem veiculada no Jornal Nacional a respeito das Missões Jesuíticas. Confira o Seminário *Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos*, que se realizará em setembro de 2006 na Unisinos. Mais informações sobre as missões jesuíticas nas edições da *IHU On-Line* 156, de 19 de setembro de 2005 e 186, de 26 de junho de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Sesmarias:** concessão de terras no Brasil pelo governo português com o intuito de desenvolver a agricultura, a criação de gado e, mais tarde, o extrativismo vegetal, tendo se expandido à cultura do café e do cacau. Ao mesmo tempo, servia para povoar o território e recompensar nobres, navegadores ou militares por serviços prestados à coroa portuguesa. O sistema de sesmarias do Brasil era um prolongamento do sistema jurídico português, estabelecido pela lei de 26 de maio de 1375 e baixada por D. Fernando. (Nota da *IHU On-Line*)

Metade Sul³ que se diferencia pela estrutura fundiária. Essa região era, efetivamente, de atividade de pecuária, com a introdução da soja a partir dos anos 1960 no norte do Estado e a sua expansão para o Sul, o pampa gaúcho começou a ter atividades ligadas à agricultura, essencialmente, monoculturas de trigo e soja. Se pegarmos dados relativos ao senso agrícola, percebemos que a partir dos anos 1960 tem uma entrada muito grande desse tipo de produção, que é a expansão dessas monoculturas com uma demanda favorável no mercado mundial. Notamos que há uma ruptura da matriz produtiva, ou seja, não é o pecuarista que vai produzir soja e trigo, ele arrenda suas terras para os produtores que virão com seus maquinários introduzir essas monoculturas.

IHU On-Line - O que mudou com a introdução de cultivos de plantios de árvores exóticas (principalmente pinus e eucaliptos), com fins de produção de celulose e madeira no Estado?

Roberto Verdum – Com a introdução de árvores exóticas, surge uma nova era que estamos visualizando agora, mas é um projeto que já vem sendo pensado desde o final dos anos 1980. Inclusive, existem trabalhos que já projetavam que essa seria a grande matriz produtiva do Estado. O que estamos vendo hoje é algo que já existia, há tempos, uma referência aos interesses empresariais e científicos. O que temos que sinalizar dentro do debate é que

³ **Metade Sul:** A Mesorregião da **Metade Sul do Rio Grande do Sul** abrange parte do estado do Rio Grande do Sul, sendo constituída por 99 municípios, totalizando uma área de 153.879,4 m², com uma população de 2.559.755 habitantes. (Nota da *IHU On-Line*)

infelizmente conhecemos muito pouco do que representa o pampa, visto que tradicionalmente sempre ficou associado à atividade pecuária, que de certa forma sempre se colocou como uma atividade que não alteraria o ecossistema do bioma. Na verdade, sabemos que as práticas ligadas a esta atividade, principalmente a queimada como uma forma de renovação do pasto altera a biodiversidade, os nutrientes do próprio solo, ou seja, já com a pecuária pode-se dizer que já existem alterações no ecossistema do pampa. Com a introdução das monoculturas, o processo em algumas áreas, como já está sendo identificado, de erosão hídrica e os areais se expandiram, muito em função da própria mecanização em solos muito frágeis e que dessecandearam e aumentaram processos, que são naturais e que se aceleraram devido à forma agressiva de como essas monoculturas foram desenvolvidas.

Pinus e eucaliptos

Não temos um conhecimento muito claro do potencial do pampa, pois o nosso olhar de preservação ambiental é muito voltado para os ecossistemas florestais e pouco para os ecossistemas campestres. Não faz muito tempo, uma aluna terminou uma dissertação do Mestrado, aqui na Geografia da UFRGS, e, num espaço de quase seis hectares onde trabalhamos no município de São Francisco de Assis, ela ultrapassou um número de 140 espécies reconhecidas e ainda não catalogadas como espécies de gramíneas⁴, inclusive encontramos uma

⁴ **Gramíneas** (também conhecidas como **gramas**, **relvas** ou **capins**) são plantas monocotiledôneas (classe *Liliopsida*) da família *Poaceae* (anteriormente *Graminae*). Há 700 gêneros e talvez 12.000 espécies de gramas. Estima-se que pastos e savanas compreendem 20% da

espécie considerada há mais de 100 anos extinta nos campos do Rio Grande do Sul. Este trabalho está sendo uma referência porque identifica toda uma associação de gramíneas e a sua importância da biodiversidade. Porque não temos muito conhecimento, é questionável a entrada de uma planta exótica, que não sabemos muito bem como esta se comporta em grande extensão, claro que eucaliptos na região do pampa já existem desde o início do século XX até como suporte para a atividade de pecuária na forma de capões, mas agora é outra forma de exploração dos eucaliptos que é em grandes áreas.

Água de alta qualidade

Quanto a possíveis impactos, não sabemos o que representa a introdução de uma planta exótica nas gramíneas, o que observamos também é um trabalho de balanço hídrico, pois sabemos que existe um grande potencial de água nesta região, inclusive onde a Stora Enzo está comprando propriedade. A água, colocada como um elemento extremamente importante para vida e para as próprias atividades agropecuárias, é de alta qualidade, temos análises químicas e físicas que comprovam isso, e vai servir para o crescimento dos eucaliptos, e essa é uma reflexão que temos que fazer: vamos dar uma água de alta qualidade para produzir eucaliptos? E depois, fazendo outra análise: existem períodos de escassez hídrica, embora não tenhamos uma estação seca definida, mas temos vários períodos de seca e que certamente afetam o próprio plantio de eucaliptos em determinada fase, a não ser que se utilize a irrigação,

vegetação que cobre a terra. (Nota da *IHU Online*)

o que já ocorreu com a Votorantim em 2004 e 2005, quando tivemos dois verões extremamente secos. Como são árvores de alto crescimento, a demanda de água vai ser importante e maior. Com certeza, a introdução dessas monoculturas afetará o manancial hídrico.

Conhecimento das empresas

Não saberia dizer a que tipo de material os técnicos da Stora Enzo tiveram acesso. Mas se sabe que esta área da qual a Stora Enzo está se apropriando, fica no chamado Aquífero Guarani⁵ e, com certeza, essa informação eles têm. É uma área enorme e de grande potencial. Os técnicos da empresa sabiam que é uma área extremamente rica de água.

IHU On-Line - A Souza Cruz recebeu dia 19 de julho da RainForest Alliance um certificado por manejar as suas áreas florestais de acordo com rigorosos padrões sociais, ambientais e econômicos definidos pelo Forest Stewardship Council (FSC) - entidade de referência internacional na certificação do bom manejo florestal - e também pelo seu trabalho de preservação ambiental e produção de eucaliptos em suas duas fazendas no sul do País. O senhor concorda com esse

⁵ Aquífero Guarani é o maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo. Sua maior ocorrência se dá em território brasileiro, abrangendo os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O Aquífero Guarani constitui-se em uma importante reserva estratégica para o abastecimento da população, para o desenvolvimento das atividades econômicas e do lazer. No dia 2/8 as *Notícias Diárias* do sítio do IHU publicou uma entrevista com o geólogo Ricardo Hirata sobre o Aquífero Guarani. (Nota da *IHU On-Line*)

prêmio? É possível empresas como a Souza Cruz, a Aracruz e a Votorantim, por exemplo, terem uma responsabilidade sustentável? Esse tipo de certificação não é uma incoerência?

Roberto Verdum - Estou recebendo essa informação agora por você e eu não teria informações para concordar ou discordar do prêmio recebido pela Souza Cruz. Sem querer questionar quem está dando este prêmio, ou certificação, podemos refletir em que contexto esta certificação está sendo dada, ou seja, posso dar uma certificação por um viés produtivo, considerando determinadas ações que a empresa faz para tentar amenizar os impactos ambientais. E falo em impactos ambientais em um sentido amplo, não só pelas mudanças no ecossistema, mas também mudanças sociais e culturais. Como não tenho conhecimento da certificação, gostaria de saber quais são os padrões que estão sendo buscados para a empresa receber esta certificação, e quem está dando esta certificação? Claro que podemos ter instituições de reconhecimento internacional com um viés definido e que, baseadas neste viés, elas concedem certificados.

Desenvolvimento sustentável

O que representa desenvolvimento sustentável? Se pensássemos em tornar Porto Alegre um município sustentável, para que isso ocorresse teríamos que fazer uma série de ações, que nos remeteriam à própria capacidade de gestão, por exemplo, não temos petróleo para auto-sustentar a frota porto-alegrense, então temos que repensar o transporte coletivo. Coloco isso como um exemplo simples para pensarmos as ações de determinadas

empresas que se projetam como sendo sustentáveis. Isso cai numa generalidade que é discutível. Se pensarmos na alta sustentabilidade dos pampas, a introdução de eucaliptos já é uma incoerência da sustentabilidade das empresas. O que precisamos em primeiro lugar é conhecer e compreender essa riqueza campestre, pois somos cegos em relação a esse ecossistema, e introduzirmos práticas que aparentemente conhecemos. Impactos acerca da introdução dessas monoculturas já existem em vários trabalhos, inclusive com manifestações de comunidades na Austrália e na Europa, por exemplo. Pensamos muito sobre o ponto de vista da ruptura de um ecossistema, mas o que não projetamos são todos os outros complicadores vindos com essa ruptura. Ou seja, mal conhecemos os pampas e já estão sendo implantados outros processos que não têm um estudo do ecossistema do pampa.

Metade sul. Uma aberração geográfica

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a atuação do governo nestas questões ambientais? Qual seria o maior desafio?**

Roberto Verдум - Até que ponto o governo, que é algo geral, assim como falamos no Estado, deve ser visto como uma coisa única? Conversando com colegas que trabalham no governo, eles também estão questionando esse tipo de modelo que está se projetando no Rio Grande do Sul. Acredito que estamos sendo convencidos da importância, pois primeiro não falamos nada dessa aberração geográfica de criar uma metade sul e uma metade norte, do ponto de vista geográfico é

uma aberração essa dicotomia. Depois se criou a idéia de que a metade sul é pobre, então há uma série de mecanismos políticos e administrativos que acabam conduzindo-nos a achar que realmente a metade sul é muito pobre e temos que introduzir empresas que levem riqueza para essa metade pobre. O governo, por meio de programas de incentivo, faz uma opção e nós, de certa forma, aceitamos esse tipo de projeto. Dentro do próprio governo, há pessoas contra e outras favoráveis, muitas vezes por causa do viés econômico e com isso pode trazer possíveis soluções para problemas sociais. O que eu penso é que nós temos pouco conhecimento dessa biodiversidade que poderia ser mais bem aproveitada a médio e a longo prazo.

***IHU On-Line* - Qual deveria ser a posição dos geógrafos diante das dinâmicas socioambientais no Brasil?**

Roberto Verдум - Esta é uma outra lacuna que vem sendo preenchida lentamente. Uma lacuna de pensar o Brasil como um território cheio de diversidade. São poucos os trabalhos não só na área de geografia, mas em outras áreas do conhecimento, que consideram esta unidade territorial para fazer análises tanto da natureza como das dinâmicas sociais. Estamos trabalhando nesta escala. Para teres uma idéia, o último livro de geografia do Rio Grande do Sul foi produzido há 35 anos. Em 2004, fizemos o lançamento de um livro que procurava dar uma outra dinâmica socioambiental do Estado, localizando os principais pólos econômicos e os possíveis impactos ambientais associados a ele. Iniciei um trabalho no ano passado, colocando como está o Brasil hoje em

dinâmicas socioeconômicas e ambientais. Percebemos que, no Brasil, até os anos 1970, os impactos estavam situados na matriz do mundo rural, e a partir dos anos 1970, criamos e recriamos novos impactos ambientais relacionados à urbanidade. Todos os ecossistemas diferenciados, como a mata atlântica, pantanal, pampas, sertão, enfim, todos eles foram alterados ao longo da nossa história de ocupação de território. Sabemos muito pouco sobre esses ecossistemas e suas dinâmicas, tanto é que fazemos intervenções e só vamos ver os problemas depois. E temos também muita pressa de acompanhar modelos econômicos que podem ser bons e também muito ruins nas dinâmicas desses ecossistemas. As reproduções de modelos que são aplicados em outros países não são favoráveis no chamado mundo tropical, enfim. O grande problema ainda é o desconhecimento. Tem muito trabalho ainda, a demanda nas universidades está aumentando assim como a interface com outras instituições.

IHU On-Line - Para o senhor, o que significa viver no pampa?

Roberto Verdum - Eu descobri o pampa com uma colega natural de Quaraí⁶ e muito do que aprendi foi no diálogo que tive na minha formação com ela. Foi a partir do final dos anos 1980 que comecei a estudar e viver a realidade do pampa. E cada vez que vou, aprendo mais. Tenho muito a aprender com o pampa, não só do ponto de vista científico, mas também cultural. Falamos muito da intervenção dessas monoculturas (pinus e eucaliptos) na água, nos campos, mas

⁶ **Quaraí** é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. Faz fronteira com o Uruguai. O município tem origem e marca da cultura indígena. (Nota da *IHU On-Line*)

esquecemos de falar da ruptura cultural que vai ocorrer fortemente nesta área. Este é um custo ambiental difícil de mensurar. Para mim, viver no pampa é pensar esta integração de construção da presença humana com um ecossistema muito interessante. No futuro, seremos cobrados mais uma vez, por determinadas opções que tomamos por causa da cegueira que possuímos em relação a este ecossistema.

Monoculturas podem decretar o fim dos pampas

Entrevista com Glayson Ariel Bencke



O biólogo Glayson Ariel Bencke afirma: “As monoculturas podem decretar o fim do pampa como uma grande unidade natural e estamos diante de uma oportunidade para evitar que isso aconteça, o que não pôde ser feito com relação às nossas florestas e banhados, pois não havia consciência ecológica e não se falava em desenvolvimento sustentável quando esses ecossistemas foram explorados e degradados até quase sua exaustão”.

Bencke é graduado pela Unisinos e pós-graduado pela UNESP de Rio Claro (SP), em Zoologia. Especialista em aves (ornitólogo), atualmente trabalha como pesquisador do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. É um dos organizadores do *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul*, Edipucrs, 2003, e consultor da organização internacional de conservação das aves *BirdLife International*. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências da implantação de monoculturas em campos sulinos?

Glayson Ariel Bencke – Ao contrário das florestas de pinheiros do planalto, das florestas do Alto Uruguai, da Mata Atlântica em geral e dos banhados, o pampa é a única formação natural do Estado que ainda não sofreu uma redução significativa e ainda não foi totalmente fragmentada, em grande parte graças ao uso tradicional para a pecuária, atividade que não exige a supressão da vegetação natural, mas apenas a altera. As monoculturas podem decretar o fim do pampa como uma grande unidade natural e estamos diante de uma oportunidade para evitar que isso aconteça, o que não pôde ser feito em relação às nossas florestas e

banhados, pois não havia consciência ecológica e não se falava em desenvolvimento sustentável quando esses ecossistemas foram explorados e degradados até quase sua exaustão. Ambientalmente, podemos falar em três categorias de impactos da implantação de monoculturas de árvores exóticas no pampa: redução da biodiversidade, redução da disponibilidade de água e salinização do solo. Não precisamos ter uma grande parte do pampa convertido em monoculturas para afetar nossa biodiversidade e nosso ambiente natural. Acontece que a maioria das espécies mais vulneráveis não ocorre em todo o pampa, mas ocupa uma região muito restrita de campos. Assim, se essa região em particular for saturada com plantios, podemos pôr em risco a

sobrevivência de toda uma espécie. De forma semelhante, certas regiões têm menos água disponível do que outras, porque chove menos. Nessas regiões, grandes plantações podem reduzir o suprimento de água para os rios e arroios, transformando-os em cursos d'água temporários e causando ou intensificando as estiagens, o que traz graves conseqüências socioeconômicas e ambientais. Por fim, árvores têm raízes mais profundas do que capins e ervas dos campos nativos. Assim, movimentam depósitos de água subterrânea mais profundos, trazendo junto os sais lá acumulados. Isso pode causar a salinização do solo, algo já constatado no pampa argentino.

IHU On-Line - Para licenciar o plantio de árvores exóticas é necessário o zoneamento da área. Nos campos sulinos, isso vem sendo feito? As grandes indústrias concordam com esses zoneamentos? Efetivamente, resolve alguma coisa essa política de zoneamento?

Glaysen Ariel Bencke - Sim. A Sema, através de seus órgãos executivos (Fepam, FZB e Defap), vem elaborando um zoneamento específico para orientar o licenciamento e a expansão das atividades de silvicultura no Rio Grande do Sul, visando principalmente a evitar que alguma região específica do Estado fique saturada com monoculturas de árvores exóticas (causando, por exemplo, perda de *habitats* importantes para espécies ameaçadas da fauna e da flora nativas) ou que haja redução na disponibilidade de água em alguma bacia hidrográfica por causa do excesso de plantios. Em geral, as grandes indústrias do setor concordam com a elaboração do

zoneamento, já que não querem criar conflitos com os órgãos ambientais. Talvez as orientações do zoneamento conflitem ou até sejam incompatíveis com os planos que as indústrias têm para algumas regiões específicas do Estado. Por isso, é necessário que as regras do zoneamento sejam amplamente discutidas, para que as situações de maior conflito sejam identificadas e, na medida do possível, resolvidas, sempre tendo em mente o princípio da precaução, ou seja, não se pode expandir os plantios acima de níveis que possam representar um risco para o ambiente ou para a população. O zoneamento só será efetivo se resultar de uma discussão ampla com todos os setores envolvidos (inclusive sociedade, que, muitas vezes, se omite em questões como essa) e se houver interesse político para implementá-lo. O zoneamento não está sendo feito para atrapalhar a vida de ninguém, mas para garantir qualidade de vida à população gaúcha e a preservação do nosso rico patrimônio natural. Cabe também a nós, portanto, vigiar para que esse instrumento de gestão venha a ser bem utilizado.

Desenvolvimento e sustentabilidade

Desenvolvimento pode ser sustentável, sim, mas sempre haverá uma perda ambiental até se atingir o desenvolvimento e a sustentabilidade pretendidas. É praticamente impossível pensar em ocupar e desenvolver toda uma região sem que se perca nenhum dos elementos de sua biodiversidade original, sem que se altere nenhum dos processos ecológicos dos quais ela faz parte, sem que se afete nenhuma de suas relações com regiões vizinhas. Daí entra uma questão fundamental, que é o ordenamento da ocupação do ambiente. Podemos conceber o

desenvolvimento sustentável de uma região, com as perdas ambientais associadas, desde que resguardemos parte dela especificamente para a conservação da biodiversidade, onde fauna, flora e ecossistemas possam continuar existindo, evoluindo e mantendo suas relações ecológicas. O problema é que geralmente não estabelecemos limites para nossa expansão, ou seja, não estamos dispostos a abrir mão de áreas que poderiam ser desenvolvidas economicamente em favor da preservação da natureza. Nunca saímos da infância quando falamos em conservação da natureza, pois ainda não definimos bem nossos valores e nossos limites. Precisamos amadurecer como sociedade. Precisamos de “pais” que nos eduquem e nos dêem limites, senão quem nos mostrará o limite que deveríamos ter respeitado serão as catástrofes e privações do futuro.

IHU On-Line - O que vem mudando na paisagem do pampa nos últimos anos? As tradições dos homens que trabalham nos campos sulinos ainda são as mesmas?

Glaysen Ariel Bencke – O que mais se vê é a conversão dos campos tradicionalmente usados para a pecuária em áreas de agricultura, o que inclui a recente introdução da silvicultura extensiva no sul do Estado. Essa transformação nos sistemas de produção certamente exige mudanças no perfil do trabalhador do campo, que acabam por desvinculá-lo de suas tradições seculares. As tradições se mantêm pelos usos e atividades tradicionais. Assim, há risco de perdermos parte de nossa identidade como gaúchos. Mas não podemos pensar na figura do gaúcho como algo

estático, tipo peça de museu. A cultura e as tradições evoluem junto com as sociedades. O que não pode é mudarmos nossa cultura e nossas tradições pela imposição de interesses econômicos e pela falta de campos no futuro. É preciso garantir que nossa cultura evolua na presença de seu cenário mais típico: os campos de pecuária.

IHU On-Line - O que caracteriza (ambiental e culturalmente) o pampa gaúcho?

Glaysen Ariel Bencke – O pampa gaúcho é parte de uma importante região natural com cerca de 760.000 km², que cobre a metade sul do Rio Grande do Sul, o Uruguai e a região do Prata, na Argentina. O Rio Grande do Sul é o único estado brasileiro onde o bioma pampa está representado. No pampa, assim como em outras regiões de campos naturais, os ecossistemas são limitados pela disponibilidade de água. Assim, predominam na vegetação espécies da família das gramíneas (capins) e ervas. As florestas, por sua vez, são pouco expressivas, pois precisam de mais chuvas. Toda a fauna e flora dos campos está adaptada para viver em ambientes abertos, sendo intolerantes à sombra, por exemplo. Ninguém consegue imaginar uma ema ou uma perdiz vivendo dentro de uma floresta, não é mesmo? Longe de serem ecossistemas pobres em espécies, os pampas apresentam uma diversidade biológica muito grande e peculiar. A região é uma das áreas do planeta com maior diversidade de gramíneas (capins e afins). São 400 espécies só nos campos do Rio Grande do Sul. Outro dado importante é que 15% das 250 espécies ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul habitam somente

campos, sendo seis mamíferos, 25 aves, um réptil, três anfíbios e três espécies de abelhas. Estão incluídos nesta lista o veado-campeiro, o gato-palheiro e águia-cinzenta, entre outros. Também há um número significativo de espécies de animais e plantas que são endêmicas do pampa, ou seja, não existem em nenhum outro lugar do planeta. No Rio Grande do Sul, destacam-se muitas espécies de cactos, de grande valor ornamental, que só existem aqui. Culturalmente, pode-se dizer que há uma identidade entre o povo gaúcho e o pampa, que são indissociáveis, pois nossas tradições estão centradas na figura do gaúcho, habituado às lidas campeiras.

IHU On-Line - Quais as alternativas que os produtores rurais podem buscar, tendo em vista o quadro atual do bioma pampa?

Glayson Ariel Bencke – Eu acredito que a alternativa ambientalmente mais saudável seja investir em uma pecuária forte, visando à produção de carne certificada, ou seja, carne gerada por meio de um sistema de manejo que mantenha as características naturais dos campos nativos e garanta a sobrevivência das espécies características desse ecossistema fantástico. Esse produto tem futuro, pois os mercados consumidores estão exigindo produtos ambientalmente “amigáveis”. Além disso, não é preciso alterar muito a cadeia produtiva já existente para produzir carne certificada e já avançamos muito em tecnologia para isso. A criação de emas consorciada à pecuária tradicional também me parece uma atividade bem promissora. O ecoturismo e o turismo cultural, explorando a paisagem dos nossos campos, as nossas tradições

gaúchas e a rica história de batalhas e conquistas que envolvem o pampa é um prato cheio a ser explorado por algumas regiões. O “problema” é que essas soluções não caem prontinhas do céu como empresas de produção de celulose, mas exigem planejamento de longo prazo e investimentos para o futuro, coisa que nossos governantes ainda não estão acostumados a fazer, além de subsídios temporários.

IHU On-Line - Quando as grandes empresas não cumprem o código florestal do Estado elas são punidas? Como é essa relação entre as grandes empresas, governo, código florestal e campos sulinos?

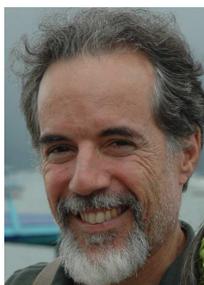
Glayson Ariel Bencke – Prefiro falar em legislação ambiental em vez de apenas código florestal. Grandes empresas, qualquer que seja sua atividade, são punidas, sim, quando descumprem a legislação ambiental. O que acontece, às vezes, é que as empresas preferem arcar com o valor das multas a deixar de realizar uma obra ou atividade que cause impacto ambiental, pois têm um lucro maior com o dano do que sem ele. No entanto, eu tenho a expectativa de que as empresas de celulose que estão se instalando no Rio Grande do Sul irão respeitar o zoneamento, pois ele pode evitar problemas futuros para essas empresas. É preciso lembrar que em outras regiões do mundo onde a silvicultura extensiva foi desenvolvida sobre campos naturais, como na África do Sul, as empresas responsáveis precisam investir volumes de dinheiro da ordem de centenas de milhões de dólares na recuperação do ambiente que degradaram, pois esgotaram fontes de água importantes para a população e eliminaram o *habitat* de espécies de

animais endêmicos e ameaçados. O mesmo poderia facilmente acontecer aqui. Portanto, as empresas também

têm a ganhar seguindo regras claras que visem ao bem de todos, pois assim evitam conflitos futuros.

Reforma agrária é compatível com conservação dos campos

Entrevista com Valério De Patta Pillar



A riqueza da fauna e da flora dos pampas gaúchos e o uso sustentável deste bioma estão retratados nesta entrevista feita por e-mail com o agrônomo Valério De Patta Pillar. Além de afirmar que o limiar entre o uso sustentável e degradação é tênue, o professor explicou que o acesso a terra propiciado pela reforma agrária não é incompatível com a conservação dos campos. “Os assentamentos, da mesma forma que as demais propriedades, devem obedecer à legislação ambiental e serem apoiados por políticas públicas que incentivem sistemas de produção mais sustentáveis e que conservem os ecossistemas campestres”.

Professor titular do Departamento de Ecologia da UFRGS, Pillar é formado em Agronomia pela UFSM, mestre em Ecologia de Pastagens pela UFRGS, doutor em Ecologia Quantitativa pela *University of Western*, Ontario, Canadá. Sua tese chama-se *The Theory of Character-Based Community Analysis*, 1992. É editor associado do *Journal of Vegetation Science* (Uppsala, Suécia) e tem 45 artigos publicados em revistas científicas internacionais e nacionais. Atua no Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFRGS.

IHU On-Line - O que caracteriza os campos sulinos? Quais plantas e animais são recorrentes neste bioma?

Valério De Patta Pillar - Os campos do sul do Brasil, pela nova classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estão incluídos no bioma pampa na metade sul e oeste do

Rio Grande do Sul, e no bioma Mata Atlântica nas partes mais altas do planalto onde os campos estão associados a florestas com araucária⁷.

⁷ **Araucária:** é um gênero de árvores coníferas na família *Araucariaceae*. Existem 19 espécies no gênero, com distribuições altamente separadas na Nova Caledônia (onde treze espécies são endêmicas), Ilha Norfolk, oeste da Austrália, Nova Guiné, Argentina, Chile, e centro-sul do Brasil. A

Caracterizam-se por alta riqueza de espécies vegetais herbáceas⁸ e arbustivas, sendo as famílias das gramíneas, compostas, leguminosas⁹, rubiáceas¹⁰ e ciperáceas¹¹ as que, em geral, apresentam maior número de espécies. A riqueza de espécies de animais dos campos também é alta; muitas são restritas a ambientes campestres e não ocorrem em ambientes de floresta.

IHU On-Line - Quais atividades econômicas estão baseadas na utilização desses campos?

Valério De Patta Pillar - A pecuária tem sido, desde séculos, a atividade econômica principal, a qual tem mantido, de certa forma, o predomínio de ecossistemas campestres, pois dos campos ainda é obtida a maior parte da forragem para o gado. As demais

floresta de araucária foi assunto da edição 183 da revista *IHU On-Line* do dia 5 de junho de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Herbáceas:** Há muitos critérios de classificação dos vegetais quanto ao tipo de caule. As ervas ou plantas herbáceas são, na maior parte das vezes, definidas de duas formas: Plantas de caule macio ou maleável, normalmente rasteiro, sem a presença de lignina (podendo, geralmente, ser cortado apenas com a unha) - ou seja, sem caule lenhoso. Plantas cujo caule não sofre crescimento secundário ao longo de seu desenvolvimento. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Leguminosas:** A *Fabaceae* é uma das maiores famílias botânicas, também conhecida como *Leguminosae*, de ampla distribuição geográfica. São aproximadamente 18.000 espécies em mais de 650 gêneros. Uma característica típica dessa família é apresentar o fruto do tipo legume, também conhecido como vagem (há exceções). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Rubiáceas:** Família de plantas dicotiledôneas com pétalas unidas e de ovário ínfero, tais como o café, a quina. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Ciperáceas:** plantas monocotiledôneas da família *Cyperaceae*, que se assemelham às gramíneas, das quais diferem por possuírem o caule trigono (formato triangular). (Nota da *IHU On-Line*)

atividades econômicas importantes, como lavouras e silvicultura, envolvem a conversão dos campos em outros tipos de ecossistemas. Estima-se que, no Rio Grande do Sul, a conversão de campos em outros usos tem sido em torno de 140 mil hectares por ano desde 1970, já tendo sido perdido cerca de 1/3 da cobertura campestre original.

IHU On-Line - Quais têm sido as conseqüências dessa utilização dos campos sulinos? Há como reverter o quadro?

Valério De Patta Pillar - O uso com pecuária extensiva tem permitido a manutenção dos ecossistemas campestres. O limiar, porém, entre uso sustentável e degradação parece ser tênue. Por exemplo, algumas áreas campestres em solos arenosos e frágeis do sudoeste do Rio Grande do Sul têm apresentado erosão agravada com o uso de lotações altas em pastoreio contínuo. Nestas e em outras áreas de campo, com a conversão em lavouras e silvicultura, dependendo do tempo decorrido até o abandono do cultivo, a vegetação campestre pode não regenerar, ou regenerar muito lentamente, após o abandono. Muitas áreas originalmente de campo e transformadas em lavouras compõem sistemas de rotação lavoura-pastagem, em que a área é ocupada com pastagens cultivadas por alguns anos. Neste caso, também não é garantida a conservação da integridade dos ecossistemas campestres, pois o uso de herbicidas nas lavouras e para a implantação de forrageiras cultivadas tem sido crescente. O quadro somente poderá ser revertido se garantirmos a conservação em cada propriedade de uma proporção significativa de áreas

campestres primárias ou em estágios avançados de sucessão pós-cultivo.

IHU On-Line - Existem mecanismos relacionados à manutenção de mosaicos de campo? Como fazer um uso sustentável desse bioma?

Valério De Patta Pillar - Na região, os campos formam um mosaico com as florestas, estas sendo mais abundantes ao norte e restritas aos capões e corredores ripários ao sul e sudoeste do Rio Grande do Sul. O uso pecuário (gado bovino, ovino e/ou equino), desde que adotando um manejo adequado, é o mais compatível com a manutenção da integridade dos ecossistemas campestres. Podemos dizer que o uso pecuário é essencial para a conservação dos campos, ou então teríamos que manter um regime de queimadas, para manter a diversidade de espécies nos campos. Entretanto, o acesso do gado às florestas, incluindo aqui os capões, deve ser restringido, pois prejudica processos de regeneração ao eliminar plantas jovens dentro da floresta.

IHU On-Line - Existe uma legislação ambiental coerente na conservação dos campos? Como está sendo aplicada a legislação, qual a proteção garantida pelo Código Florestal?

Valério De Patta Pillar - O Código Florestal até 2001 era omissivo ao não definir reserva legal em áreas de campo. Apenas garantia Áreas de Proteção Permanente, que são as áreas ao longo dos cursos d'água, topos de morro, encostas com declividade maior do que 45 graus, nascentes. A Medida Provisória número 2166 de 2001, em vigor, mas até hoje não transformada em lei, corrige essa omissão exigindo 20% de reserva legal mesmo em terras sem cobertura florestal. A mesma

Medida Provisória também prevê a possibilidade de um zoneamento ambiental, essencial para ordenar o uso da terra e a conversão de ecossistemas campestres. Apesar da legislação, a proteção dos campos tem sido negligenciada no acelerado processo de expansão agrícola que iniciou nos anos 1970 (que continua até o presente), e mais recentemente nos planos de empresas e incentivados pelo governo do Rio Grande do Sul para conversão de extensas áreas de campos em monoculturas florestais.

IHU On-Line - É possível a reforma agrária em campos sulinos? Como deve ser feita, por onde começar?

Valério De Patta Pillar - A possibilidade do acesso à terra propiciada pela reforma agrária não é em princípio incompatível com a conservação dos campos. A conversão dos campos em outros usos tem ocorrido tanto em pequenas como em grandes propriedades, e os assentamentos da reforma agrária, da mesma forma que as demais propriedades, devem obedecer à legislação ambiental e serem apoiados por políticas públicas que incentivem sistemas de produção mais sustentáveis e que conservem os ecossistemas campestres. Políticas públicas devem ser criadas pelos governos em todos os níveis para incentivar sistemas pecuários rentáveis baseados em campos naturais, em um processo que deve envolver produtores e consumidores, no sentido de valorizar a produção sustentável e onerar aquela que não protege a integridade dos ecossistemas campestres. Dentre tais políticas, incluem-se a agregação de valor aos produtos oriundos de campos naturais e a mensuração direta da

produtividade para fins de reforma agrária ao invés do uso de índices de lotação.

***IHU On-Line* - Qual a importância cultural dos campos sulinos?**

Valério De Patta Pillar – Os campos já eram usados pelos grupos indígenas de caçadores e coletores. Os campos estão na origem do povoamento dessa região pelos espanhóis e portugueses. As primeiras áreas ocupadas eram de campo, pois ali já estava o gado

remanescente das missões jesuítas dos Guaranis, e que se espalhou alçado, por vasta região no sul do Brasil e Uruguai. Portanto, toda uma cultura se desenvolveu em torno dessa paisagem. Poderíamos dizer que a conversão dos campos em outros tipos de ecossistemas, e nesse aspecto a conversão em florestas é a que causa maior impacto, também constitui perda irreversível para a alma rio-grandense.

Sociedade deve fiscalizar empresas

Entrevista com Wigold Bertoldo Schaffer



Com uma descrição precisa do bioma pampa o Coordenador do Núcleo dos Biomas Mata Atlântica e Pampa na Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, Wigold Bertoldo Schaffer, abriu esta entrevista concedida por e-mail à ***IHU On-Line***.

Schaffer também falou das atuações do Ministério do Meio

Ambiente nas questões econômicas. “O novo modelo de desenvolvimento para a metade sul como qualquer atividade econômica, quando implementada em grandes extensões e de forma desordenada, tem grande potencial para gerar danos ambientais importantes”, disse.

Segundo o coordenador, o passo inicial para se diminuir os riscos é a elaboração de um zoneamento econômico-ecológico prévio, que considere as qualidades físicas das terras, tais como, solo, hidrografia, relevo, clima, entre outros. Schaffer foi coordenador adjunto do Subprograma Projetos Demonstrativos e Coordenador de Projetos Ambientais da Apremavi - Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí. de julho de 1987 a julho de 1999. É co-autor e organizador do livro ***A Mata Atlântica e***

IHU On-Line - O que a nova classificação do IBGE diz sobre os pampas e suas delimitações?

Wigold Bertoldo Schaffer – O bioma pampa abrange a metade meridional do estado do Rio Grande do Sul e constitui a porção brasileira dos pampas sul-americanos que se estendem pelos territórios do Uruguai e da Argentina, e são classificados como estepe¹² no sistema fitogeográfico internacional. Sendo o menos complexo dos biomas brasileiros, o bioma pampa compreende um conjunto ambiental de diferentes litologias¹³ e solos recobertos por fitofisionomias campestres. É caracterizado por clima chuvoso, sem período seco sistemático, mas marcado pela frequência de frentes polares e temperaturas negativas no período de

¹² **Estepe:** em geografia física e botânica, é uma formação vegetal de planície sem árvores, similar ao *prairie* (embora este último tipo de planície contenha gramíneas mais altas, em relação à estepe). A estepe pode ser semidesértica, ou coberta de gramíneas e arbustos, dependendo da estação do ano. O termo também é usado para descrever aspectos do clima dessas regiões, muito seco para permitir a existência de florestas, mas não tão seco a ponto da desertificação (clima semi-árido, por excelência). As estepes são comuns na África (nas bordas de desertos), na América do Norte, na América do Sul (como exemplo, algumas áreas do Nordeste brasileiro e regiões do Paraguai, Argentina e Bolívia), mas sua área de maior ocorrência é a Rússia e repúblicas vizinhas na Ásia Central. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Litologia:** refere-se ao tipo de rocha. Consiste na descrição de rochas em afloramento ou amostra de mão, com base em várias características tais como a cor, textura, estrutura, composição mineralógica ou granulometria. (Nota da *IHU On-Line*)

inverno, que produzem uma estacionalidade fisiológica vegetal típica de clima frio seco, evidenciando intenso processo de evapotranspiração, principalmente no planalto da campanha. Tem como característica marcante a tipologia vegetal herbáceo-arbustiva, composta por hemicriptófitas¹⁴, geófitas e nanofanerófitas¹⁵, que recobre superfícies com formas de relevo aplainadas ou suave onduladas. As formações florestais, pouco expressivas neste bioma, restringem-se à vertente leste do Planalto Sul-Rio-Grandense e às margens dos principais rios e afluentes da Depressão Central.

Paisagem e formação

As paisagens campestres do bioma pampa são naturalmente invadidas por contingentes arbóreos representantes das florestas Estacional¹⁶ Decidual¹⁷ e Ombrófila Densa¹⁸, notadamente nas

¹⁴ **Criptófitas:** plantas perenes, herbáceas, com a parte principal do sistema caulinar reduzida a bulbo, cormo e rizoma, com as gemas abaixo da superfície do solo. Podem-se distinguir aqui as geófitas (criptófitas terrestres) e as hidrófitas fixas (plantas aquáticas com gemas escondidas no fundo da massa líquida ou enterradas no lodo) e as helófitas (plantas de brejo com gemas enterradas). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ **Nanofanerófitas:** plantas anãs, raquíticas, variando entre 0,25 e 5m de altura, ocorrendo preferencialmente em todas as áreas campestres do País. Exemplo: a grande maioria das árvores e arbustos. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Floresta Estacional:** floresta que sofre ação climática desfavorável, seca ou fria, com perda de folhas. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ **Decidual:** relativo à perda das folhas. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Floresta Ombrófila Densa:** este tipo de vegetação é caracterizado por fanerófitas nas suas subformas de vida macro e mesofanerófitas, além

partes norte e leste, caracterizando um processo de substituição natural das estepes por formações florestais, em função da mudança climática de frio/seco para quente/úmido no atual período interglacial. Estas paisagens campestres, tanto da Campanha quanto do Planalto, estão em desarmonia com o clima florestal atual e representam um espaço de imigração de pontas de fluxos florísticos arbóreos (pluviais e estacionais) interiores e costeiros. Têm vínculos com troncos florísticos antigos, migrados em diferentes fases da geostória regional; com fluxos insulares, ligados ao centro florístico austral-antártico e com fluxos andinos, através das planícies ocidentais emergidas do mar no Quaternário.

Pampa - fitofisionomias

O bioma pampa, que se delimita apenas com o bioma Mata Atlântica, é formado por quatro conjuntos principais de fitofisionomias campestres naturais: Planalto da Campanha, Depressão Central, Planalto Sul-Rio-Grandense e Planície Costeira. No primeiro, predomina o relevo suave ondulado originário do derrame basáltico com cobertura vegetal gramíneo-lenhosa estépica, podendo esta ser considerada como a área "core" do bioma no Brasil. De um modo geral, o Planalto da Campanha é usado como pastagem natural e/ou manejada, mas possui também atividades agrícolas, principalmente o cultivo de arroz nas esparsas planícies aluviais. Apresenta disjunções de Savana Estépica típica do ambiente Chaquenho, que guarda

de lianas lenhosas e epífitos em abundância que o diferenciam das outras classes de formações, desenvolvendo em latitudes e faixas altimétricas variáveis, refletindo fisionomias diferentes e subdivididas. (Nota da *IHU On-Line*)

homologia fisionômica com a Caatinga do Nordeste do Brasil (como, por exemplo, na foz do rio Quaraí no extremo sudoeste do Rio Grande do Sul).

A Depressão Central compreende, sobretudo, terrenos da Cobertura Sedimentar Gonduânica (Bacia do Paraná), formando uma faixa semicircular sinuosa entre Porto Alegre (a leste), Santiago/Alegrete (a oeste) e Santana do Livramento/ Dom Pedrito/ Bagé (no centro-sul), isolando o Planalto Sul-Rio-Grandense na porção sudeste do Estado. Esta área é caracterizada por um campo arbustivo-herbáceo, associado a florestas-de-galeria degradadas que, em geral, são compostas por espécies arbóreas decíduas. Apresenta uma maior disponibilidade de umidade, motivada pela maior regularidade pluviométrica e/ou pela maior concentração de drenagem e depressões do terreno. Associadas à densa rede de drenagem, formaram-se extensas planícies sedimentares aluviais, nas quais as formações pioneiras e florestas-de-galeria foram substituídas por culturas e pastagens.

O Planalto Sul-Rio-Grandense compreende o denominado Escudo Cristalino, bloco Pré-Cambriano¹⁹

¹⁹ **Pré-cambriano:** é o nome tradicional que se dá ao conjunto dos éons anteriores ao Fanerozóico: o Proterozóico, o Arqueano e o Hadeano. Apesar de obsoleto, ainda consta do Quadro Estratigráfico Internacional da Comissão Internacional sobre Estratigrafia da União Internacional de Ciências Geológicas. Já recebeu nomes como Azóico ("sem vida") e Criptozóico ("vida oculta"), atualmente em desuso. O Pré-Cambriano está compreendido entre o aparecimento da Terra, há cerca de 4,5 bilhões de anos, até o surgimento de uma larga quantidade de fósseis, que marca o início do período Cambriano da era Paleozóica do éon Fanerozóico, há cerca de 540 milhões de anos atrás. (Nota da *IHU On-Line*).

isolado entre a Planície Marino-Lacunar (a leste) e a Depressão Central (a norte, oeste e sul) e que alcança altitudes superiores a 300/400m. Seus terrenos são mais altos, no contexto regional, e regados com maior intensidade pelas chuvas, devido à influência marinha. Em razão disso, a cobertura vegetal natural é mais complexa, compondo-se de Estepe Arbórea Aberta, Parque e Gramíneo-Lenhosa, com marcante presença de formações florestais estacionais semidecíduas, especialmente na face oriental próxima à Lagoa dos Patos. De modo geral, predominam pastagens naturais ou manejadas.

A Planície Costeira compreende terrenos sedimentares de origem tanto fluvial quanto marinha, ocupando a faixa oriental do Estado do Rio Grande do Sul desde a fronteira com o Uruguai até a divisa com Santa Catarina. São áreas aplainadas ou deprimidas, com solos em geral, arenosos (distróficos ou álicos) ou hidromórficos. São revestidas, principalmente, por formações pioneiras arbustivo-herbáceas, típicas de complexo lacunar onde se destacam as Lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira. De modo mais esparso, observam-se formações florestais, especialmente àquelas das terras baixas e aluviais, típicas da Floresta Ombrófila Densa. O uso da terra prevacente é representado por pastagem natural associada à rizicultura.

Tipologias

Observa-se que a atividade humana pós-colonização propiciou uma significativa homogeneização da cobertura vegetal, tanto nas áreas de estepe, quanto nas áreas de formações pioneiras (fluviais e lacustres), com uma

acentuada diminuição das espécies lenhosas arbustivas (hemicriptófitas) em benefício daquelas dotadas de rizomas (geófitas). Na conformação do bioma pampa foram consideradas as seguintes tipologias, com as respectivas formações remanescentes: Estepe como tipologia predominante, Savana Estépica numa pequena ocorrência no extremo oeste do Rio Grande do Sul, Floresta Estacional Semidecidual e Decidual no centro e leste do estado, as Formações Pioneira, compostas pelos banhados e restingas, e o Contato Estepe/Floresta Estacional (EN), o único que ocorre neste bioma.

***IHU On-Line* - Quais os trabalhos que o Ministério do Meio Ambiente desenvolve para a preservação dos pampas? Estes trabalhos contemplam todas as áreas (cultural, geográfica, biológica) deste bioma?**

Wigold Bertoldo Schaffer - O ministério do Meio Ambiente atua especificamente na área ambiental, nos aspectos de conservação/preservação e do uso sustentável, embora, no Pampa, o aspecto cultural seja frequentemente associado. Atualmente, o MMA está fazendo a revisão das áreas prioritárias para conservação, uso sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade do bioma pampa, estudo com base no qual serão redefinidas as áreas mais recomendadas para a criação de Unidades de Conservação e para o uso de baixo impacto ambiental. Este trabalho, com a participação de representantes de universidades, governo estadual, instituições de pesquisa e ONGs do Rio Grande do Sul, teve início em março deste ano e deverá estar concluído até setembro. Está sendo finalizado o mapeamento dos

remanescentes de vegetação nativa do pampa, realizado pelo MMA/Probio em parceria com o Departamento de Ecologia da UFRGS. O mapeamento se constituirá em ferramenta de grande utilidade para o zoneamento de atividades produtivas, para o estabelecimento de áreas protegidas e para o monitoramento do bioma pampa.

Em abril deste ano, a Ministra do Meio Ambiente, atendendo à solicitação de diversos segmentos da sociedade gaúcha, criou o Grupo de Trabalho - GT do Bioma Pampa, colegiado que conta com representantes dos governos federal, estadual e municipal, setor acadêmico, instituições de pesquisa, da indústria, da agropecuária, da agricultura familiar e de organizações ambientais da sociedade civil. O GT Pampa teve sua reunião inaugural de posse dos representantes em junho passado, durante o II Seminário do Bioma Pampa organizado pelo MMA em Santana do Livramento. Este grupo será a instância consultiva e assessora do MMA para as ações no Pampa.

IHU On-Line - O que diz o código florestal brasileiro acerca dos pampas? As leis são cumpridas pelas empresas que estão introduzindo cultivos de plantios de árvores exóticas (principalmente pinus e eucaliptos), com fins de produção de celulose e madeira? Especificamente, o código fala alguma coisa em relação a espécies exóticas?

Wigold Bertoldo Schaffer - O Código Florestal (Lei n 4.771, de 15/09/2006 e MP 2.166-67, de 24/08/2001) estabelece os limites percentuais mínimos de reserva legal para as propriedades (20% no caso do pampa), limita o seu uso e

define as Áreas de Preservação Permanente - APP, nas quais não é permitida a retirada da vegetação nativa. Não há referência específica a limitações a espécies exóticas nas áreas passíveis de uso agropecuário. No entanto, em casos como o dos florestamentos com eucalipto e pinus em grandes áreas como ora se evidencia no Rio Grande do Sul, onde se percebe a possibilidade de geração de impactos ambientais e econômicos importantes, a legislação vigente determina a realização de Estudo e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/Rima), os quais determinarão a possibilidade de licenciamento, sem o qual o empreendimento não pode ser implementado. No caso dos florestamentos com espécies exóticas, o Governo do Rio Grande do Sul e o Ibama têm pleno conhecimento das iniciativas e encontram-se mobilizados para tomar as medidas cabíveis para ordenar a atividade e impedir que esta se transforme em fonte de degradação do pampa.

IHU On-Line - O que é uma empresa com responsabilidade sustentável? Quais os critérios para classificar uma empresa desta maneira? Até que ponto podemos dizer que empresas como a Stora Enzo, Votorantim, por exemplo, têm essa preocupação com a sustentabilidade?

Wigold Bertoldo Schaffer - O tema ambiental é bastante amplo e não se restringe à conservação da natureza. Desta forma, uma determinada empresa pode se destacar positivamente por aspectos ambientais no tratamento e disposição de resíduos de suas fábricas, por exemplo, mas não ter o mesmo desempenho na obtenção da matéria-

prima. Não quer dizer que este seja o caso das empresas citadas, mas em alguns casos, é comum prevalecerem os aspectos econômicos e a ampliação dos lucros em detrimento da questão ambiental. Isso acontece mundialmente e uma das maneiras de resolver essa questão é exigir o cumprimento da legislação ambiental e a adoção de padrões ambientais sustentáveis.

***IHU On-Line* - O que o novo modelo de "desenvolvimento" para a metade sul do Rio Grande do Sul, pode trazer de conseqüências para os campos sulinos? Há como prevenir alguma coisa? Qual será o desafio para manter o ecossistema deste bioma?**

Wigold Bertoldo Schaffer – Qualquer atividade econômica, quando implementada em grandes extensões e de forma desordenada, tem grande potencial para gerar danos ambientais importantes. Os florestamentos com espécies exóticas não são exceção, caso venham a ser implantados sem os devidos estudos e avaliações preliminares e sem respeitar

características específicas das áreas. O passo inicial para que se diminuam os riscos é a elaboração de um zoneamento econômico-ecológico prévio, que considere as qualidades físicas das terras, tais como solo, hidrografia, relevo, clima etc., bem como os aspectos da biodiversidade, paisagem e aspectos culturais, para citar alguns. Ao mesmo tempo, no caso do pampa, é necessário um esforço intenso e urgente no sentido de viabilizar a ampliação de áreas protegidas, por meio da criação de unidades de conservação e ordenamento do uso das terras. O trabalho de atualização do mapa de áreas prioritárias para conservação, uso sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade, juntamente com o mapa dos remanescentes de vegetação nativa, que o Ministério do Meio Ambiente está realizando, serão importantes ferramentas para orientar atividades econômicas sustentáveis e também a proteção de áreas em forma de unidades de conservação.

O pampa no atual modelo de desenvolvimento econômico

Entrevista com Luiza Chomenko



As Notícias Diárias do dia 17 de julho, publicadas diariamente no página do IHU antecipou o debate sobre os pampas gaúchos.

Naquele dia publicou a entrevista, feita por e-mail, com a bióloga Luiza Chomenko, que trabalha no Museu de Ciências Naturais da

Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Na entrevista, a professora traçou um panorama sobre diversos pontos relacionados às características do bioma pampa no estado gaúcho, no Uruguai e na Argentina, no contexto do modelo econômico praticado atualmente pela humanidade.

Para esta edição da *IHU On-Line*, Luiza, revisou e complementou a entrevista com outras abordagens. Graduada em Ciências Biológicas, Luiza é mestre em Ecologia e doutora em Biogeografia, com dupla ênfase, em Ecotoxicologia e Avaliação Espacial (gestão ambiental). É também docente no curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, no Centro Universitário La Salle, e no curso de Pós-Graduação em Direito Ambiental, na PUCRS.

***IHU On-Line* - Quais os caminhos para alcançarmos o amplo respeito pelos recursos naturais?**

Luiza Chomenko - Para obter-se um desenvolvimento constante, permanente, a conservação da biodiversidade requer mudanças fundamentais nos padrões e práticas do modelo econômico mundialmente praticado na atualidade. A priorização de ações e dos objetivos a serem atingidos é distinta quando se avaliam aspectos sob ênfases local, regional, nacional ou internacional. Além disso, há que se considerar a observância de preceitos constantes em documentos internacionalmente aceitos entre as nações, destacando-se a Convenção da Diversidade Biológica (CDB), o Princípio da Precaução (PP), a Convenção de Ramsar, o Protocolo de Biossegurança de Cartagena, a Convenção das espécies migratórias, entre outros, os quais têm estreita relação com o uso que se faça da biodiversidade.

Um desrespeito à vocação regional

É possível constatar ainda que, em muitas regiões, há um desrespeito à real vocação regional, deixando de levar em conta resultados positivos que se

poderiam obter com a utilização sustentável de recursos locais, sejam eles sob enfoque abiótico, biótico, social ou cultural. Não restam mais dúvidas de que as regras mais importantes para a evolução das regiões são aquelas consideradas "ambientalmente corretas", criando, em muitos casos, grandes dificuldades entre os seres humanos e o meio ambiente, pois é muito difícil convencer as comunidades mais pobres, principalmente àquelas que vivem no meio rural, e que, por vezes, lutam pela sobrevivência, de que elas devem preservar seus recursos naturais e saberes tradicionais.

Disseminação dos processos de educação

Podemos ter certeza de que grande parte da discussão deve obrigatoriamente passar pela vertente da disseminação de processos de educação e divulgação. Nesse caso, deve-se trabalhar ativamente na questão de que a aproximação entre ecologia e economia é irreversível. Muitas empresas e governos já perceberam, embora ainda de forma incipiente, que é mais barato fazer direito desde o início, do que consertar depois, pois pode não haver conserto para eventuais

danos causados, ou então seus custos serão praticamente insuportáveis. Em nosso País, falta, de certa forma, esta percepção da integração entre os distintos elementos constituintes do meio ambiente de uma determinada região, e faltam também os conhecimentos técnicos que permitam fazer destes uma utilização socialmente útil.

A harmonização como fonte de bons negócios

A harmonização dos aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais, é uma fonte de bons negócios para as sociedades que se preocupam em fazer uma correta avaliação desses aspectos. É fundamental que a própria ênfase científica seja avaliada de forma mais coordenada, no sentido de dar o devido valor aos recursos originalmente existentes em cada região e as formas mais corretas de internalizar estes conhecimentos na gestão do espaço e seus elementos constituintes, sejam eles flora, fauna ou seres humanos. Faz parte da característica humana sentir-se prestigiada no momento em que se dão valores positivos às suas ações e condições de vida. Entretanto, justamente neste ponto é que se distanciam as práticas realizadas e o discurso aplicado, pois com a introdução de novos modelos que, teoricamente, visam ao desenvolvimento econômico, não se levam em conta as especificidades locais, tendo em vista que, na maior parte das vezes, estes modelos têm aplicação global, sem levar em conta aspectos locais.

IHU On-Line - Quais as principais conseqüências sociais, culturais e ambientais do novo modelo de

"desenvolvimento" para a metade sul do Rio Grande do Sul?

Luiza Chomenko – Sob ênfase ambiental há um complexo conjunto de mudanças que têm ocorrido em função da entrada deste novo sistema de produção, pois há várias questões que se devem levar em conta:

Conseqüências do novo modelo

1. há troca da composição original de flora e fauna;
2. mudam dinâmicas de funcionamento dos ecossistemas;
3. rompem-se ciclos de desenvolvimento das espécies, comunidades e ecossistemas, com efeitos diretos nos *habitats* e eventuais corredores, que originalmente permitiriam uma troca de bagagem gênica entre os seres vivos que ocupavam estes espaços;
4. há perda de espécies nativas importantes, muitas delas de importância global, considerando-se distintos aspectos;
5. há perda de utilização sustentável de organismos da biodiversidade nativa local.

A alteração em aspectos de cunho biótico implica a transformação do comportamento das populações humanas residentes na região, visto que é uma característica regional a integração estreita do ser humano com a natureza. Esta mudança comportamental leva há novos fatores que influenciam a própria cultura, podendo induzir à perda da identidade cultural destas populações humanas. Há que se salientar que esta situação pode levar à redução da auto-estima das pessoas que tiveram seus vínculos tradicionais rompidos, inclusive colocando em risco a própria figura do

"gaúcho", que é um tipo humano mundialmente conhecido e admirado.

IHU On-Line - Como podemos relacionar os temas "agronegócios", "crescimento da metade sul" e o bioma Pampa?

Luiza Chomenko - Inicialmente poderíamos questionar o termo "agronegócios", visto que ele vem sendo empregado quase sempre em relação à utilização de produtos que são *commodities* internacionais, embora a conotação correta não possa levar a esta visão. Os negócios derivados da produção agrícola podem ser (e são), muitas vezes, resultado de produtos oriundos de pequenas propriedades ou que não estejam envolvidas com produção destas *commodities*. Assim sendo, faz-se necessária uma reflexão sobre o que o pampa produz como sua vocação tradicional: serão grãos ou celulose (*commodities*) ou serão produtos que fazem parte da cadeia produtiva da carne (pecuária extensiva)? No caso de serem produzidos grãos, servirão estes para que finalidade? Serão alimentos ou produtos utilizados para fins de produção de bioenergia? Além disso, considerando-se o novo modelo de agricultura que vem sendo introduzido na região (plantio de árvores exóticas), colocam-se outros questionamentos, tais como:

Questionamentos a serem feitos

1 - A agricultura atualmente desenvolvida na região se compatibiliza com este novo modelo, não conduzindo a conflitos por recursos naturais escassos (solo, água)?

2 - O ambiente do bioma pampa, com suas características naturais sustenta (suporta) o novo modelo de agricultura que vem sendo introduzido na região?

3 - O Rio Grande do Sul é um estado que se caracteriza por ter grande parte de sua economia baseada na agricultura, e destacando-se a qualidade de seus produtos, em grande parte exportados. Esta situação se manterá?

4 - Finalizando, poderíamos analisar a inserção humana neste contexto e avaliar a permanência das populações humanas nas suas regiões, em equilíbrio com os recursos bióticos e abióticos disponíveis e que são exatamente a característica básica deste espaço denominado bioma pampa. A nova modalidade de utilização da região manterá esta situação ou conduzirá à saída destas pessoas para outros locais? Neste caso, qual será o resultado socioeconômico e cultural, quer no se que refere à região original (de onde saem), quer seja nas novas (aonde chegam)?

Uma nova realidade local no pampa gaúcho

Destacam-se dois distintos enfoques:

1- o enfoque de ações do governo que tenta estimular o "desenvolvimento" da região utilizando um modelo externo à realidade local;

2 - o enfoque daquelas pessoas, instituições, organizações, que avaliam a situação existente desde há muitos séculos e a que vem se formando.

Em função das distintas visões ("conflitos"), que vêm surgindo, começa uma reação pela preservação (ou manutenção) das características locais. ONGs ambientalistas, empresas privadas, entidades de classe, entre outros segmentos da sociedade, vêm promovendo eventos, discussões e outras ações que têm como objetivo discutir a proposta que se tem implantado. Assim, destaca-se que há um movimento em expansão, que vem

envolvendo inclusive parte de segmentos ligados à pesquisa e à ciência. Esta situação é extremamente positiva, pois conduz à ampliação da reflexão, não só do projeto de expansão de plantios de árvores exóticas para produção de madeira e celulose, mas de todo um modelo global de desenvolvimento, que tem levado ao incremento de consumo destes produtos. Por sua vez, começam a surgir novos eixos da discussão, tais como a localização das indústrias de celulose, conflitos com outros usos já existentes e, inclusive, com recursos naturais escassos (por exemplo, a água).

Divulgação de conhecimento

Há que ressaltar que vem sendo de grande valia a questão relacionada com a divulgação de conhecimentos técnico-científicos e também de discussões por parte dos distintos setores da sociedade civil, no que se refere às informações que vem sendo disseminadas. Esta questão mostra um crescimento da conscientização da população em geral em temas aos quais ela vinha se mantendo um tanto distante, o que pode ter várias causas, cabendo, porém, o destaque para tal situação. No Brasil, tem-se como premissa básica constitucional:

“Art. 1.º- A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos:

- I. - a soberania;
- II. - a cidadania;
- III. - a dignidade da pessoa humana;
- IV. - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V. - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.”

Assim sendo, é meritório e indispensável que as informações cheguem aos mais variados setores envolvidos e que estes tenham opiniões a respeito de seus direitos e também deveres; cabe ao cidadão perceber que o desafio ambiental deve passar a ser considerado como uma nova oportunidade competitiva, sendo os recursos naturais, insumos para seu sustento. A premissa básica é a sustentabilidade (permanência) dos sistemas ambientais, os quais devem levar em conta o ser humano e o ambiente que o circunda.

Uruguai-Argentina. As “papeleras”

IHU On-Line - O que mudou com a introdução de cultivos de plantios de árvores exóticas, com fins de produção de celulose e madeira no Estado, principalmente falando dos dois biomas, o Pampa e a Mata Atlântica? Em que sentido a implantação de indústrias papeleras junto ao Rio Uruguai podem ajudar a ilustrar esse ponto?

Luiza Chomenko – O movimento que aqui no Rio Grande do Sul é ainda bastante incipiente, em outros países já tem desdobramentos muito mais complexos, destacando-se pela proximidade geográfica, as imensas discussões que têm ocorrido entre Argentina e Uruguai relativamente sobre as indústrias *papeleras*²⁰, inclusive com encaminhamentos para tentar obter soluções em esferas

²⁰ As *Notícias Diárias* do sítio do IHU fez uma ampla cobertura acerca do assunto (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*).

internacionais (Tribunal de Haia). Entretanto, destaca-se nesta questão uma situação que deve ser avaliada com cuidado: até agora a mídia, de uma forma geral (e por conseqüência o público em geral), tem destacado o tema dos plantios de árvores como se fosse um problema especificamente ligado ao Rio Grande do Sul e não um problema que ocorre em outros estados do Brasil, o que não é verdadeiro. Também há que se destacar a própria questão que cria o conflito entre Uruguai e Argentina, e que, em parte, se relaciona com a alegada poluição que virá ocorrer no Rio Uruguai. Até agora, o Brasil vem se mantendo a parte desta discussão, embora ele banhe parte do território do Brasil. Além disso, parte dos cultivos que ora vêm se implantando no Estado, com o objetivo de fornecer matéria-prima para uma empresa de celulose, também se localiza muito próximo à fronteira com Argentina (e, portanto, próximo ao Rio Uruguai), podendo-se pressupor desde já que a discussão hoje restrita apenas ao Uruguai e à Argentina virá a envolver o Brasil.

Em recente viagem ao Uruguai, foi possível observar que, apesar de o país estar envolvido na implantação de indústrias *papeleiras*, o seu modelo de desenvolvimento básico e tradicional é tipicamente calcado nos seus recursos naturais, sendo inclusive o lema utilizado para a atração de turismo para aquele país, a citação uruguaí-natural. Ora no momento em que o Rio Grande do Sul vem ampliando seu leque de opções para o desenvolvimento regional, por que não utilizar esta imensa e real potencialidade também existente no pampa? Riquezas históricas, culturais e ambientais não

faltam; o que até agora não se faz é a utilização adequada destes recursos.

***IHU On-Line* - Como se dá a sobrevivência econômica na região?**

Luiza Chomenko - O modelo atual apresenta distintas formas de desenvolvimento econômico e isso, em parte, é influenciado pelas dimensões das propriedades rurais. Nas propriedades maiores, há como economia dominante aquela baseada na produção primária, por meio de pecuária extensiva (principalmente bovinos, ovinos), e produção de grãos (arroz e soja). Em propriedades menores, temos a pecuária (de leite), aliada a culturas variadas. Recentemente tem se expandido a fruticultura em algumas regiões, aliando-se a outros usos das propriedades. A produção primária é fornecedora de matéria-prima para indústrias e também para a produção de artesanatos (em expansão no que se refere à produção com lã). Ainda de forma incipiente, mas já despontando, claramente subutilizado, surge o desenvolvimento de turismo.

***IHU On-Line* - Como a ação humana interfere na preservação das características originais do pampa?**

Luiza Chomenko - O homem ocupa a região há muitos séculos, salientando-se, portanto, que as características originais do pampa sofreram certas alterações no que tange às suas origens. Entretanto, as questões relacionadas com as características básicas dominantes do bioma têm sido mantidas, o que vem propiciando a possibilidade da permanência das populações humanas nestes locais. Por sua vez, as próprias características ambientais têm tido sua conservação,

em função da compatibilização dos usos antrópicos com os usos que se fazem dos recursos ambientais locais. A situação atual que vem se implantando, porém, com a expansão de grandes cultivos de árvores exóticos, pode conduzir a conflitos. A compatibilização é possível, contudo é importante que se adotem medidas cabíveis com a máxima urgência, sob pena de se terem prejuízos irreversíveis, tanto para o ambiente, como para a cultura e economia locais, mas também para as empresas que eventualmente tenham que arcar com custos imprevistos.

Espécies exóticas

Muito preocupante é a situação dos ecossistemas naturais, pois a cada dia surgem novas ameaças à sua preservação ou conservação, destacando-se o aporte de novas espécies ou organismos exóticos àqueles ambientes: a questão da introdução de organismos pode ser decorrente de processos acidentais, mas também em função da introdução induzida por ações humanas, com distintas finalidades; há que salientar ainda, que, em muitos casos, tem ocorrido incentivo de órgãos públicos para tais introduções, sempre com o intuito de promover desenvolvimento econômico. A questão que se coloca é que, na maior parte das vezes, não é feita uma prévia avaliação das situações, quer no que se refira às questões ambientais, sanitárias, culturais ou até mesmo socioeconômicas, o que pode criar situações graves de prejuízos. Inúmeros exemplos são conhecidos no planeta inteiro, de graves danos causados devido a esta prática. Também é importante destacar que há uma categoria de espécies exóticas, que são consideradas invasoras, pois tem uma

capacidade de invasão extremamente alta, e com controle praticamente impossível, caso se implante. Para a região do pampa, talvez os casos mais conhecidos sejam relacionados com a ocorrência de capim anoni (*Eragrostis plana*) e do javali (*Sus scrofa scrofa*). Entretanto, muitos outros exemplos devem estar sempre claros para uma correta avaliação, e desta forma há que se avaliar o que, como, onde, se pretende introduzir. As consequências de tais processos podem ser muitos, destacando-se que a entrada de espécies exóticas invasoras constitui a segunda causa de perda mundial de biodiversidade e de capacidade produtiva dos ecossistemas; também se destacam a extinção de algumas espécies nativas, mudanças da dinâmica ecossistêmica local, alterações das cadeias alimentares, alterações das estruturas das comunidades ecológicas.

IHU On-Line - Qual é o maior problema do modelo atual mundial predominante de gestão?

Luiza Chomenko – O modelo vigente é ambíguo se forem consideradas características ambientais como um dos elementos a serem internalizados. O Brasil é um país cheio de diversidade; entretanto, se forem observadas as categorizações de desenvolvimento mundial, o Brasil é um país “pobre” ou quando muito “em desenvolvimento”. Na atualidade, percebe-se que, embora os recursos naturais sejam constantemente utilizados como elementos de planejamento e estratégia de desenvolvimento (ou barreiras não tarifárias, em negociações comerciais), na maior parte das vezes não são considerados nem valorados economicamente. Falta, de certa forma, esta percepção da integração entre os

elementos constituintes do meio ambiente de uma determinada região, e faltam também os conhecimentos técnicos que permitem fazer destes uma utilização socialmente útil. A harmonização dos aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais, é uma fonte de bons negócios para as sociedades que se preocupam em fazer uma correta avaliação destes aspectos. Diariamente, passam a ser desenvolvidos novos valores tecnológicos, científicos, econômicos e culturais. Além disso, discute-se uma nova ordem econômica internacional, sendo indispensável, portanto, avaliar situações previstas (ou não) a médio e longo prazo. Esta temática tanto pode ocorrer, em locais isolados, relativamente bem conservados, quanto em centros urbanos e regiões intensamente ocupadas por populações humanas. O importante a destacar a cada momento é um aspecto muitas vezes deixado de lado e que se refere ao direito de acesso à informação. O modelo de desenvolvimento (consumo) pode ser o grande fator diferenciador entre a sustentabilidade e a insustentabilidade futura. Assim, quando, por exemplo, se trata da discussão da implantação de grandes extensões de cultivos de árvores (modelo monocultural, de espécies exóticas), seria indispensável, que houvesse uma discussão sobre o modelo global:

1 - Quem coordena o mercado?

2 - Qual a necessidade da matéria-prima que se está produzindo para as regiões onde os cultivos vêm sendo introduzidos? (por exemplo, o Brasil é um país que é auto-suficiente em celulose)

3 - Quais os (se os há) conflitos que surgem em função da implantação

destes novos cultivos? (por exemplo, deixa-se de produzir alimentos para produzir celulose).

4 - Em alguns países, surgem problemas na aceitação de seus produtos com certificados de origem, em função de impactos decorrentes de cultivos de árvores (por exemplo, recentemente o Chile teve vinhos recusados na Comunidade Européia, por ter sua produção muito próxima a áreas de produção de celulose).

5 - Onde se dão as discussões sobre a mudança de modelos de consumos globais? O que se tem feito para mudar comportamentos?

IHU On-Line - Qual a avaliação que a senhora faz do II Seminário do Bioma Pampa e I Seminário Internacional do Bioma Pampa, ocorrido em Livramento, no período de 09 a 11 de junho? O que foi discutido no evento e quais os principais avanços?

Luiza Chomenko - O bioma pampa vem sendo alvo de muitas discussões nos últimos meses, e também de inúmeros programas de cooperação internacional. Começam a surgir algumas propostas no sentido de se otimizarem e valorizarem seus recursos naturais e sua cultura. Merece destaque a implantação do Grupo de Trabalho (GT- Pampa), em atendimento à portaria 95 do Ministério do Meio Ambiente, datada de 03.04.2006. De acordo com a referida portaria, foi formalmente constituído este GT, com a finalidade básica de “oferecer subsídios para a elaboração de programas, projetos, ações e políticas direcionadas à conservação e o desenvolvimento sustentável do bioma”. A composição do GT envolve 18 instituições, sendo nove representantes da sociedade civil e

nove do governo federal, do governo do Rio Grande do Sul e de prefeituras. A posse oficial deste GT ocorreu durante a realização do II Seminário do Bioma Pampa e I Seminário Internacional do Bioma Pampa, ocorrido em Livramento. No evento, foram discutidas ações futuras, destacando-se aspectos relacionados com novos projetos de desenvolvimento para a região e também a revisão das áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade do Brasil. Esta última atividade, vem

sendo desenvolvida sob coordenação do Ministério do Meio Ambiente, com a colaboração de pesquisadores de inúmeras instituições públicas e privadas, que atuam nos temas do bioma pampa bem como comunidades envolvidas na região, e atende a uma demanda que tem por objetivo final a elaboração do mapa de prioridade de conservação de áreas significativas da biodiversidade brasileira, que é uma atualização do mapa atualmente existente.

O pampa. Onde se enxerga longe

Entrevista com Leonid Streliaev



Uma imagem vale mais que mil palavras? A máxima vale para os pampas gaúchos. Para mostrar a beleza deste bioma nada melhor que belas fotos. Para isso, entrevistamos brevemente por telefone o renomado fotógrafo Leonid Streliaev que falou sobre a horizontalidade dos pampas. Streliaev é jornalista por formação. Nos últimos 35 anos, dedicou-se quase sempre a fotografar o Rio Grande, seu tema preferido. Já viajou mais de 500 mil quilômetros dentro do Estado. Ao longo da sua carreira, foi premiado como Fotógrafo Brasileiro do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e destacou-se com exposições internacionais, na *Photographers Gallery*, em Londres e em duas Bienais de São Paulo e na I Bienal de Fotografia de Curitiba. Foi o fotógrafo oficial de Erico Verissimo. Em 2003, lançou o livro *Rio Grande do Sul* no qual faz um registro único do Estado, com textos do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Em 2004, lançou as seguintes obras: *Brossard – 80 anos de História Política do Brasil*; *O Rio Grande de Erico Verissimo* e *A Porto Alegre de Mario Quintana*. Quem quiser, pode conferir fotos dos pampas na página do IHU: www.unisinos.br/ihu

IHU On-Line - Qual é a visão que o senhor tem dos pampas?

Leonid Streliaev - É o lugar onde se enxerga longe. E essa é a característica do gaúcho, um povo que enxerga longe, através da infinita horizontalidade do pampa. Então, pampa é sinônimo de olhar longe.

IHU On-Line - Na sua percepção, como são as pessoas que vivem nos pampas? Qual a diferença delas para as pessoas da cidade?

Leonid Streliaev - As pessoas dos pampas são mais tranquilas, elas ficam esperando o boi engordar. São mais autênticas porque não têm essa loucura urbana em volta. Paisagem é absolutamente a mesma. São mais rudes por causa do trato e do manejo, mas isso não significa falta de educação.

Significa uma firmeza maior que essas pessoas têm.

IHU On-Line - Quando o senhor fotografa os campos sulinos qual sua prioridade nas imagens?

Leonid Streliaev - É conseguir colocar toda a horizontalidade em uma fotografia. Nos pampas, não existe perto, tudo é longe, é distante. Essa silenciosa monotonia do pampa é muito bonita.

IHU On-Line - Qual é a imagem perfeita do pampa?

Leonid Streliaev - As imagens perfeitas dos pampas são as coxilhas, os capões, uma casinha lá longe ou um gaúcho andando a cavalo.

Pampa. Um espaço humano de promessas e realizações

Entrevista com José Mauricio de Carvalho

“Viver nos pampas é experimentar uma paisagem monótona uma espécie de vazio geográfico, mas que guarda pela amplidão a perspectiva de muitas realizações, promessas mesmo de muita coisa que, apesar de anunciada, não se realiza na alma argentina”, é o que explica o professor do Departamento de Filosofia da Universidade São João del-Rei, UFSJ, José Mauricio de Carvalho. A poesia dos pampas foi retratada na obra de Ortega y Gasset e, nesta entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o professor abordou questões apontadas pelo filósofo espanhol sobre os pampas argentinos. “Acabei fazendo citações do meu livro sobre Ortega porque há conceitos fundamentais do raciovitalismo sem os quais as questões propostas não se esclarecem”, completa.

José Mauricio de Carvalho graduou-se em três cursos universitários: Filosofia, Pedagogia e Psicologia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (Faculdade da Congregação Salesiana) que deu origem à Universidade Federal de São João del-Rei. É especialista e mestre em Filosofia pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), especialista em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter de Porto Alegre e doutor em Filosofia pela UGF- Rio (Universidade Gama Filho). Em 1982, iniciou sua carreira como professor universitário e, em 1987, entrou para o Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ (1997) onde, em 1997, tornou-se professor titular, por Concurso Público. Escreveu 14 livros e capítulos em outros três, tem cerca de setenta artigos publicados em revista nacionais e internacionais. Entre seus livros publicados, estão *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset* (2002), CEFIL, Londrina e *Filosofia Clínica, estudos de fundamentação* (2005), UFSJ, São João del-Rei.

***IHU On-Line* - Quais as principais observações e impressões sobre os pampas argentinos de Ortega y Gasset?**

José Mauricio de Carvalho - O pampa é uma paisagem geográfica e faz parte da circunstância, e a circunstância é o espaço em que o homem se move.

Ortega não pensa o eu separado da circunstância. O que é mesmo a circunstância? Explico, citando trechos do livro *Introdução à filosofia da razão vital*, Londrina: CEFIL, 2002:

“Em uma das passagens mais conhecidas do livro *Meditações do Quixote*, Ortega afirma: “Eu sou eu e minha circunstância e se não a salvo, não me salvo eu”²¹. Essa citação traduz aspecto nuclear da filosofia da razão vital, uma forma de pensar o mundo e os problemas humanos como resposta aos desafios que a vida traz. No entanto, como fórmula também traduz, bem observa Margarida Amoedo²² que, no entendimento orteguiano, viver é realidade que se experimenta na primeira pessoa. Ele desenvolveu sua reflexão interrogando-se “sobre a realidade social, histórica e cultural de sua pátria e a exigir, a si mesmo e a todos os espanhóis, um exercício disciplinado de esclarecimento e de aperfeiçoamento dessa realidade”²³, meditações de Ortega não se separam da sua presença na história de seu povo.”

A circunstância do pampa

Assim chegamos ao que interessa aqui realçar, os pampas constituem o espaço geográfico que integra a circunstância experimentada pelo homem argentino e faz parte do seu viver. O pampa possui um relevo igual. Normalmente o relevo nos oferece objetos próximos diferentes dos que estão distantes, experiências

²¹ ORTEGA, *Meditaciones del Quijote*. O. C., v. I, 2. reimpressão, 1997, p. 322. (Nota do entrevistado)

²² AMOEDO, Margarida, *José Ortega y Gasset. A aventura filosófica da educação*. Lisboa: INCM, 2001. (Nota do entrevistado)

²³ AMOEDO, Margarida, *José Ortega y Gasset. A aventura filosófica da educação*. Lisboa: INCM, 2001. (p. 110) (Nota do entrevistado)

imediatas separadas das mais afastadas. Nos pampas, as impressões não produzem esta diferença, o que está próximo é igual ao que está distante. Nesta monotonia geográfica, até o céu é absorvido na terra e confunde-se com ela, o horizonte do pampa encontra-se com o céu de forma ondulada como uma bandeira em movimento. Esta paisagem geográfica torna-se um elemento importante na experiência de vida do homem argentino.

IHU On-Line - O que significa viver nos campos?

José Mauricio de Carvalho – Viver nos pampas é experimentar uma paisagem monótona como dissemos acima, uma espécie de vazio geográfico, mas que guarda pela amplidão a perspectiva de muitas realizações, promessas mesmo de muita coisa que, apesar de anunciada, não se realiza na alma argentina. O homem argentino mais comum, caso pudéssemos desnudar o que se passa em seu íntimo, nos revelaria a secreta impressão de que sua vida se passou e que ele perdeu inúmeras alternativas de fazê-la diversa, muito melhor, muito mais interessante. Isso significa para Ortega y Gasset não ter passado, ou melhor, não reconhecer o passado como o resultado das escolhas feitas. Por isso, o argentino, mais do que qualquer outro homem vive uma experiência profunda e singular, a sensação de que a vida lhe evapora, some diante dele sem deixar vestígios. Damos pouca importância ao presente, afirma Ortega, mergulhamos nele sem a devida profundidade e assim, quando queremos algo e tentamos apreendê-lo, percebemos que já é passado, que já não está a nosso alcance. A vida não marcha igual para todos os homens, para alguns a vida se

passa mais lenta, para outros é sempre uma correria onde o atual o projeta com velocidade para o futuro imaginário.

IHU On-Line - Ortega trabalha com a liberdade, os campos seriam metáforas da liberdade?

José Mauricio de Carvalho - Ortega trabalha com a liberdade, mas de que liberdade ele fala? Para ele o homem ajusta sua vocação à circunstância na qual se encontra. Deve alterar a segunda quando ela o impede de realizar a primeira. Os campos, portanto, integram a circunstância e é o espaço onde o homem pode exercer a liberdade, mas não são nem garantia de liberdade, nem espaço de privilegiado de liberdade. Trata-se de um entorno ao eu que lhe dá alternativas.

IHU On-Line - Como é o homem dos pampas?

José Mauricio de Carvalho - Ortega reconhece que não é fácil descrever a vida de alguém, muito menos estabelecer generalizações tão amplas como caracterizar o homem dos pampas, isto é, o argentino. A vida de cada um é a sua vida, a única realidade que verdadeiramente conta. No tanto que as generalizações o permitem, Ortega fala do argentino como um homem que se mantém na defensiva. O que isto significa? Que ele não tem um trato cordial, exceto na diplomacia e nos negócios. Significa também que na intimidade ele limita-se a falar das coisas que o rodeiam do mundo e muito pouco de si mesmo, de sua vida. O argentino não se entrega numa

relação normal, pelo contrário, ele mantém-se sempre na defensiva e, quando tem oportunidade de revelar-se, ele esconde-se atrás daquilo que faz.

IHU On-Line - Ortega fala que os pampas são promessas, que promessas são essas?

José Mauricio de Carvalho - Da possibilidade de viver o não-vivido, de agir como se outra existência fosse a sua, no tanto que é possível imaginar tal desvio. Promessas de vida que se poderia ter tido, do que poderia ter sido a vida se algumas escolhas não a tivessem conduzido pelos rumos que tomaram. A sua viagem pelos pampas trouxe-lhe tais considerações porque em sua história conviveu com outros campos, viveu e percorreu as estepes na Espanha. Por isto, o contato com os pampas colocou em carne viva este passado de escolhas, mostrou-lhe o quão diversa poderia ter sido sua vida se outras escolhas a tivessem marcado. A viagem pelos pampas rompeu anos de insensibilidade, da insensibilidade que desenvolvemos para com o que ficou como alternativa não vivida. Este passado não histórico, este espaço de pura possibilidade é bastante rico. A presença dos pássaros chama atenção para outro aspecto relativo às promessas, nossa vida é um contínuo ir até mais adiante, anunciar algo que vai ser no momento seguinte, como acontece com as aves migratórias que passam pelos pampas em direção a uma nova etapa de vida, uma vida que se anuncia no futuro que está vindo.

“É preciso que se crie um banco latino-americano de desenvolvimento”

Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo

Luiz Gonzaga Belluzzo é professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutor em Economia pela mesma instituição em que trabalha, com tese intitulada *Um Estudo Sobre a Crítica da Economia Política*. Entre seus livros publicados citamos *Depois da Queda - A Economia Brasileira da Crise da Dívida aos Impasses do Real*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Do professor Belluzzo, *IHU On-Line* publicou uma entrevista exclusiva, com o título *O Brasil está na fase de doente terminal, achando que vai dar tudo certo*, na edição nº 77, de 29 de setembro de 2003, e um artigo elaborado especialmente pelo professor para a revista de número 147, de 27 de junho de 2005.

Confira, a seguir, a entrevista que Belluzzo concedeu, por telefone, à redação da *IHU On-Line*. Ao falar sobre a conjuntura nacional e latino-americana, o professor faz uma análise da política econômica brasileira e fala sobre o Seminário Internacional Pobreza e Desenvolvimento no Contexto da Globalização, organizado pelo Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, que aconteceu de 25 a 27 de julho de 2006, no Rio de Janeiro. Luiz Gonzaga Belluzzo é o presidente institucional do Centro Internacional Celso Furtado. Mais informações sobre este Seminário podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do site do IHU (www.unisinos.br/ihu), de 1-8-2006.

IHU On-Line - Qual a avaliação que o senhor faz do Seminário Internacional Pobreza e Desenvolvimento no Contexto da

Globalização, que aconteceu na semana passada? O que apontaria como principais conquistas e principais limitações?

Luiz Gonzaga Belluzzo - O Centro Celso Furtado começou suas atividades neste ano. Ele tem um conselho consultivo, um conselho deliberativo e uma diretoria executiva. A professora Maria da Conceição Tavares é responsável pela parte acadêmica, a Rosa Furtado pela documentação, e eu sou o presidente institucional do Centro. Nós estamos realizando seminários temáticos e tutoriais há algum tempo. E agora em julho nós tivemos este seminário sobre a pobreza e a globalização. Esse é o primeiro ato de uma série que envolve o desenvolvimento das relações internacionais do centro. Nós queremos que o centro não só acolha especialistas brasileiros que estão interessados no debate sobre o desenvolvimento, mas que ele seja também o local onde se possa criar um debate profícuo sobre as questões contemporâneas do desenvolvimento.

O Centro Celso Furtado não foi criado para fazer, nem o próprio Celso gostaria que nós fizéssemos, uma espécie de exegese continuada das suas obras, mas para dar seguimento e continuidade ao projeto dele: estudar em que condições as economias periféricas podem escapar de certas determinações estruturais e criar esses projetos de desenvolvimento. As condições para isso mudaram muito, comparando com o período em que ele produziu os seus estudos mais conhecidos. Como os estudos sobre o desenvolvimento perderam muito prestígio no mundo inteiro, nós resolvemos criar o Centro para dar oportunidade e abrir espaço para que os interessados pelo tema possam desenvolver seus estudos.

IHU On-Line - Em relação ao trecho tirado da Carta Maior onde se fala

em caminhos para o problema de concentração de renda, o senhor poderia explicar esses três caminhos e a viabilidade de cada um?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Esse trecho se refere à integração latino-americana e às restrições que foram impostas pelos mercados financeiros ao crescimento. Esse problema da integração é central. Ele deve ser perseguido em várias instâncias. Esse é o movimento que está se desenvolvendo na economia mundial, em várias regiões, e capitaneando a formação não só de uma zona de livre comércio, mas de uma região de investimentos e de transações financeiras, caminhando para uma moeda asiática, rapidamente, como uma forma de integrar-se de maneira mais adequada ao processo da globalização. Na América Latina, o projeto da integração é muito antigo, mas andou muito pouco. Esta idéia da integração, que agora está ganhando mais corpo por conta das lideranças que foram eleitas aqui, é quase que inevitável. Mas ela precisa ser encaminhada de maneira adequada.

Uma moeda única latino-americana

Por exemplo, é preciso que se crie um banco latino-americano de desenvolvimento. O Brasil tem condições de liderar isso, porque já tem um banco de desenvolvimento, o que os outros países não têm. É preciso que se tenha também um projeto de integração física da América Latina, por meio da infra-estrutura física e energética. É possível também que nós caminhemos, que possamos dar passos na direção da criação de uma moeda comum. Isso leva mais tempo, porque é preciso que as condições macroeconômicas estejam mais niveladas, mas acho que é

importante que se tenha como objetivo a criação dessa moeda comum. Se não criarmos a moeda única, a integração econômica da região não fica completa.

IHU On-Line - O senhor considera que alguma proposta política no Brasil caminha nessa direção?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Há, sim, no governo atual essa preocupação. O governo Lula mostra preocupação com a integração. Só que no projeto, por enquanto, há uma espécie de desencontro entre as lideranças latino-americanas a respeito das prioridades da integração. O Centro Celso Furtado até pode ajudar nesse debate, mas ele não tem a pretensão de formular isso.

IHU On-Line - Susan George demonstrou, no Seminário, que o atual modelo de acúmulo de capital por meio das finanças deixou totalmente de lado sua relação com a produção, em uma globalização extremamente concentradora de riquezas. Onde devem começar as mudanças? Nas relações com o FMI, Banco Mundial? Numa mudança do Consenso de Washington?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Do ponto de vista de ideário, o Consenso de Washington é neoliberal e, de certa forma, já está derrotado. O problema é que ele, na prática, continua a influenciar as políticas dos países em desenvolvimento. É óbvio que nem todos os países se subordinam da mesma maneira ao Consenso de Washington ou ao movimento da globalização. Há muitos países que têm suas políticas nacionais de desenvolvimento. Os asiáticos são um exemplo disso. Mas os países que se submeteram, sem medir riscos, acabaram sofrendo conseqüências do

ponto de vista do aumento da desigualdade.

O nível de desigualdade é um fenômeno global. Não fosse a trajetória da China, a desigualdade teria aumentado muito mais. Ela aumenta, inclusive, nos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, nos anos 1970, a relação entre o salário médio do executivo de uma grande empresa e o salário do trabalhador de fábrica tinha uma proporção de 50 para 1. Hoje é de mais de 280 para 1. A desigualdade cresceu muito e isso tem a ver com os efeitos que a globalização financeira produziu sobre a distribuição da riqueza.

A distribuição da riqueza, sobretudo da financeira, era muito mais concentrada que a distribuição de renda. Eu lembro que 0,01% das famílias americanas detêm mais de 20% da riqueza. O 1% já detêm uma fração muito maior e os 10% superiores detêm praticamente de 98 a 99%. A concentração é brutal e o avanço da financeirização colocou ainda um agravamento nessa situação. É isso que a Susan está dizendo: ao contrário do que aconteceu no pós-guerra, em que houve uma desconcentração, uma melhor distribuição de renda, pelo menos até os anos 1970, a partir daí, quando as políticas neoliberais começaram a ser difundidas e implantadas, a desigualdade cresceu muito.

IHU On-Line - Um pesquisador do South Centre afirmou que a influência do dólar e o papel de superpotência dos EUA vêm sendo minados gradativamente. Para ele, China, Índia, Brasil e outros países do Sul podem até não desejar ainda exercer um papel de liderança nessas transformações, mas o mais provável é que as contingências

globais os levem a isso. O que o senhor pensa sobre isso?

Luiz Gonzaga Belluzzo - É prematuro fazer qualquer previsão sobre o declínio da hegemonia americana, da perda do dólar e sua função de moeda reserva. Há razões para se supor que isso possa acontecer em algum momento. A economia mundial vai viver um período de turbulência, mas eu não vejo ameaça imediata, nem o risco de substituição do dólar por uma outra moeda, ou uma mudança significativa no sistema monetário internacional. Faço essa suposição, mas é muito difícil anteciparmos um desfecho como esse. Não temos exatamente os elementos. Os riscos que estão embutidos na economia mundial hoje são de tal ordem que é muito difícil nós anteciparmos qual vai ser a natureza da crise. Sabemos que há uma tensão dentro do mercado mundial, sobretudo uma tensão nos mercados financeiros, com uma série de bolhas financeiras estourando por aí. Mas não podemos prever nada.

IHU On-Line - Que possibilidades de integração econômica pode ser vislumbrados em uma América Latina cujas relações não são tão pacíficas?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Isso vai depender muito do papel central que o Brasil tem nisso. Outros países têm algum papel protagônico, mas no caso da América do Sul, o Brasil tem o papel central. É claro que o Brasil também funciona como uma espécie de mediador no conflito entre os EUA e os governos recém-eleitos aqui. É importante que o Brasil faça esse papel, porque os americanos estão tentando atrair individualmente os países, no caso do Uruguai, por exemplo, que está sendo atraído em uma relação bilateral

com os EUA. É preciso que o Brasil tenha compreensão de que esse é um processo muito lento. Nós vamos ter que enfrentar isso com alguma galhardia. Entretanto, nas condições atuais, apesar dos conflitos, não é interessante para nenhum dos países abandonar o Mercosul. Então, eles querem ficar com o pé nas duas canoas. O Brasil é o maior interessado na integração. Ele precisa ter clareza sobre o seu papel. Isso não vai ser feito sem conflito, vai acontecer de maneira muito dolorida.

IHU On-Line - O que se entende por desenvolvimento na nova agenda divulgada durante o encontro?

Luiz Gonzaga Belluzzo - A carta que escrevemos aos presidentes durante o encontro diz claramente que nós só consideramos digno de consideração o desenvolvimento que represente a redução da desigualdade, o avanço cultural dos povos, o desenvolvimento como a maior disponibilidade ou oportunidade de participar dos bens materiais, mas também dos bens que a humanidade produz do ponto de vista cultural, que hoje essa é uma questão importantíssima, fundamental. Nós não podemos avançar no processo de construção da autonomia do indivíduo na sociedade sem esse enriquecimento cultural e isso é fundamental para que tenhamos uma democracia realmente parecida com aquilo que a imaginamos. Queremos que os presidentes tomem conscientemente as suas decisões, que não sejam manipulados, conduzidos por forças impessoais que depois não podem mais controlar. Essa é a idéia de desenvolvimento que estamos pensando.

IHU On-Line - Qual é o objetivo da agenda e o que o senhor destacaria

dela? Possivelmente o Brasil esteja vivendo um momento de muita descrença na política, inclusive a campanha do voto nulo se divulga cada vez mais. O senhor atribui isso a algo conjuntural, como questões de corrupção, ou a um fenômeno sociocultural mais amplo onde se encaminha para a extrema autonomia do indivíduo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Há um individualismo dos derrotados. É a impotência, pois é óbvio que o indivíduo massacrado pelo desempenho da economia, pela força do dinheiro, pela quase inutilidade da

política, se restringe, no protesto inútil, que é o voto nulo, o que tem fluxos e refluxos. Não creio que isso seja definitivo. Tem muito a ver com a conjuntura que vivemos. Quando eu falo da autonomia do indivíduo, refiro-me, ao contrário, ao indivíduo que é capaz pela sua inserção política, pela capacidade de decidir o seu destino. Ele sabe que só pode fazer isso com a comunidade. Ele não pode fazê-lo sozinho, só se utilizar o individualismo dos fracassados, que se trata desse protesto irracional.

Destques da semana

| | |
|------------------------------|---------------|
| Entrevistas da Semana | pg. 40 |
| Filme da Semana | pg. 48 |
| Livro da Semana | pg. 52 |
| Debate da Semana | pg. 55 |
| Destques On-Line | pg. 62 |
| Frases da Semana | pg. 65 |

Entrevistas da semana

A irrelevância da política

Entrevista com Chico de Oliveira

Em entrevista à *Folha de S. Paulo* em 24-7-06 e reproduzida pelo sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu, nas Notícias Diárias, em 2-6-06, o sociólogo Francisco de Oliveira comenta a conjuntura nacional. Fala do significado do PSOL no cenário político, avalia o governo Lula, reafirma a sua tese da irrelevância da política cabrestada pelo mercado financeiro e comenta que o PCC é o rabo do ornitorrinco.

Chico de Oliveira, como é conhecido, é professor titular da Universidade de São Paulo - USP e autor de vários livros, entre eles, *Crítica à razão dualista. O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003 e de vários estudos. Foi um dos fundadores do PT, com o qual rompeu em 2003, por discordar dos rumos adotados pelo governo Lula. Em 2004, contribuiu com a formação do Partido Socialismo e Liberdade - PSOL, porém, a respeito da criação do novo partido de esquerda disse à época: "O PT surgiu numa conjunção excepcional e irrepetível. Hoje, em decorrência da globalização e da desregulamentação, 60% da força de trabalho brasileira é informal. Como vai se fazer um partido de classe sem classe?", afirmação que retoma nessa entrevista.

Francisco de Oliveira já concedeu várias entrevistas à revista *IHU On-Line*. A última delas - no dia 6-4-06 - foi republicada na série **Cadernos IHU em Formação** - ano 2 - nº 9 - 2006 - *Política Econômica. É Possível mudá-la?*

Como o senhor vê a subida de Heloísa Helena no Datafolha? Como o senhor vê suas chances eleitorais?

Chico de Oliveira - Ela pode crescer mais alguns pontos, mas não para passar dos 15%. Não acredito. O eleitorado que vai votar em Heloísa é fácil de se presumir. São ex-petistas, desiludidos com o PT, e, de outro lado, gente não necessariamente

partidarizada decepcionada com o governo Lula ou que acha que o Alckmin não é nada. É nessa faixa que ela navega e vai crescer no máximo até 15%.

O senhor fazia a avaliação, já há algum tempo, de que havia um esgotamento da política, de sua capacidade de representar

possibilidade de mudança. O senhor acha que a candidatura dela e o PSOL podem representar uma saída para isso?

Chico de Oliveira- Seria desejável, mas eu não acredito. O fenômeno da irrelevância da política é muito profundo. A candidatura agora, ou outra do PSOL repetida no futuro, será uma espécie de desaforo, mas com muito poucas chances de ser majoritária e muito poucas chances de tornar-se hegemônica e, sobretudo de pautar politicamente. Os partidos não têm noção das raízes dessa irrelevância da política. Nem o PSOL. Ele imagina que pode refazer um partido tal como o PT foi na sua origem.

Não há possíveis semelhanças entre Heloísa Helena e o Lula nos anos 1980?

Chico de Oliveira - Apesar de tudo, não há nenhuma semelhança entre os dois partidos. No sentido de bases e de poder pautar a política brasileira, o PT pautou. A única coisa que o PSOL pode fazer é ser uma espécie de Grilo Falante, uma espécie de consciência crítica, mas sem possibilidades de hegemonia, sem possibilidades sequer de pautar a política brasileira. Essa é uma conclusão muito dura, para mim mesmo e para os militantes em geral. É preciso pesquisar as razões da irrelevância da política hoje, e não só no Brasil. Aqui, isso tem um efeito devastador. Aqui, o fundo da irrelevância da política é a desigualdade. Não é mais plausível, para nenhum de nós, que você possa, por meio da política, atravessar o Rubicão. Não é mais possível. A formação do PT foi algo muito específico.

O PT é irrepitível

É preciso não esquecer que ele se formou durante a ditadura, com um movimento sindical em ascensão, numa espécie de eco de um Estado de Bem-Estar privatizado. Trabalhadores de certos ramos, sobretudo do metalúrgico, tinham planos de benefícios muito importantes. Era privatizado porque eram as empresas que davam. Esse movimento estava em ascensão - não como agora, que está em refluxo. É importante não esquecer que aconteceu simultâneo a um movimento de democratização muito importante. Foi dentro desse movimento que o PT nasceu. Esse conjunto é irrepitível.

As forças sindicais foram muito desgastadas. A queda de sindicalização é vertical. Os petroleiros foram arrasados pelo Fernando Henrique Cardoso. Além disso, há um movimento de reestruturação produtiva, misturado à globalização, que devastou as fileiras do operariado. Não tem a conjuntura e a estrutura de forças que fizeram o PT. O movimento sindical, tal como o conhecemos, e tal como ele formou a pauta social e política dos anos 1970, não existe mais. Aquele tipo de movimento sindical não existe mais e não existirá. O PSOL está, portanto, em busca de uma miragem.

Há alguma relação entre isso que o senhor descreve e o governo Lula?

Chico de Oliveira - Tomem a última declaração de bens de Lula. A metade de seu patrimônio está em aplicações financeiras. O paradoxo é que ele está à testa de um governo que endivida o país, e essa dívida é parte do seu patrimônio. É a cobra mordendo o próprio rabo. É apenas emblemático. Onde ele aplica? Como não é um especulador da bolsa, provavelmente

em títulos da dívida pública. Não é só o Lula. Quem tiver um pouco de dinheiro vai fazer a mesma coisa. Ele aumenta o patrimônio graças ao endividamento do governo que preside. Sua posição política é completamente irrelevante.

Faça o que fizer, está amarrado nessa financeirização do Estado. Isso não começou com ele, evidentemente. Seu governo até faz um esforço de reduzir a relação da dívida com o PIB. Com o Fernando Henrique, isso foi de um para dez. Isso financeirizou a economia e amarrou-a as determinações de fora. Este é o fator principal da irrelevância da política. Todas as relações sociais estão mediadas agora pela relação externa. A política interna perdeu a capacidade de dirigir a sociedade. Qualquer que seja a relação, ela tem que passar pelas relações externas. Isso quebra na espinha a política. Política é escolha. Política é opção. Mais ou menos, todos agora têm que seguir a mesma regra.

O senhor não reconhece nenhum mérito na política social do governo Lula, no Bolsa-Família? O senhor chegou a dizer que Lula exclui os trabalhadores da política, quando perguntado sobre o programa e as possíveis relações entre Lula e Getúlio Vargas.

Chico de Oliveira - As analogias entre Lula e Getúlio estão sendo propagandeadas aos quatro ventos. Até ele, quando líder sindical contrário a todas as criações sindicais da era varguista, até Lula agora quer se identificar com o Getúlio. Reafirmo: são antípodas. Lula não tem nada que ver com Getúlio. É o oposto. Lula não é populista, porque ele não faz o movimento de incluir o proletariado na política - ele faz o movimento de

excluí-lo. Como é que pode? Pode no momento em que todas as medidas do governo são contra a centralidade do trabalho na política.

O Bolsa-Família como instrumento de controle

O Bolsa-Família é algo que se pode entender a partir da irrelevância da política. Não adianta dizer que é assistencialista - isso é óbvio. De forma pedante, poderíamos dizer que o Bolsa-Família é uma criação foucaultiana. Um instrumento de controle, em primeiro lugar. Restaura uma espécie de clientelismo que não leva à política. Ela passa a ser determinada não por opções, mas pela "raça". Não é raça em termos raciais, é a "raça" da classe. É pelas suas carências que você é classificado perante o Estado.

A política se constrói pelas carências. Então é abominável. Seria cínico dizer que é uma porcária total, porque tem gente que come por causa do Bolsa-Família. Do outro lado, é isso. É a morte da política. Acabou a história de você depender das relações de força, das relações de classe para desenhar as políticas sociais. Elas são desenhadas agora por uma espécie de dispositivo foucaultiano. Quanto você tem de renda, qual é o seu estatuto de miserável, aí a política é desenhada. É uma clara regressão.

Não é mais desenhada a partir de direitos universais...

Chico de Oliveira - De jeito nenhum. É um dispositivo. Da mesma forma que as cotas, que as ações afirmativas. É também um dispositivo. É o paradoxo. É uma antipolítica na forma de uma política. Porque a desigualdade é tão abissal no Brasil que é difícil você resistir que é preciso um estatuto

especial para você tratar da questão racial. Vejo a questão das cotas no mesmo registro que o Bolsa-Família. É uma biopolítica. As relações sociais não suportam mais uma política que na verdade envolva escolhas, opções e política. Seu substituto é um dispositivo foucaultiano.

Qual a função do PT hoje? Ele foi um catalisador de demandas nas últimas décadas?

Chico de Oliveira - O papel transformador do PT se esgotou. As razões são essas (da irrelevância da política). O PT ficou dependente de Lula e não vai se libertar nunca mais. Talvez o PT tenha o destino do peronismo. Com essa política do Bolsa-Família, ele vai muito fundo, até as camadas mais pobres. E isso provavelmente fique como um legado para o PT pós-Lula. O que é extremamente perigoso, porque o partido peronista pós-Perón se tornou uma confederação de gangues. Eles se matam entre si. Eu não descarto esse cenário para o PT.

Grupos internos disputando um espólio?

Chico de Oliveira - Que é o peronismo. É isso. Grupos que disputam um espólio, numa luta interna que é um fenômeno extraordinário. A diferença do peronismo em relação a outras experiências chamadas populistas é que ele foi fundo. A ponto de visitarmos o cemitério da Recoleta, em Buenos Aires, e o túmulo de Evita ter flores novas todos os dias. Chegaram

aos mais pobres dos pobres. Isso o PT faz por meio do Bolsa-Família. Mas a aura transformadora do PT se foi, como no próprio peronismo.

Como isso que o sr. chama de esgotamento da política se liga com o dia-a-dia brasileiro, com a violência urbana, por exemplo?

Chico de Oliveira - É algo muito sério. É o rabo do ornitorrinco, que surgiu agora. Um sinal de que o capitalismo periférico não respeita nenhuma institucionalidade. Ele está se lixando para elas. A institucionalidade criada nos últimos dois séculos não agüenta o capitalismo periférico. Ela é incapaz de regular os conflitos postos pela marcha forçada do capitalismo periférico. Por todos os lados que você olhe, é tudo furado. Não tem uma regra que possa ser obedecida durante três meses. Nenhuma. Em qualquer atividade econômica. Tudo ultrapassa a regra institucional. Por causa de sua velocidade. O pesado imposto que ele impõe para você acompanhar a marcha. O Brasil não tem condição de acompanhá-la. Eu fico espantado. A velocidade dessa espécie de remodelação permanente é espantável. Isso desbarata qualquer regra. E aí vem o pior, que são os vasos comunicantes. A fronteira entre o legal e o ilegal acabou. Não existe. Estabeleceu-se um sistema de vasos comunicantes, e o PCC está no meio disso tudo. Deve estar no meio de altos negócios. Trata-se de uma questão de negócios.

O projeto de país entre o ABC e a avenida Paulista se esgotou

Entrevista com Cristovam Buarque

“O Brasil precisa de outro projeto, porque esse construído entre o ABC (região da Grande São Paulo tido como berço do PT e sede da maior parte das montadoras de automóveis do País) e a Avenida Paulista (avenida, em São Paulo, onde está localizada a sede da Federação das Indústrias do estado de São Paulo, Fiesp) não responde às necessidades do Brasil e nós defendemos, e os outros não, que a porta de entrada para o século XXI, e a modernidade é a educação”.

A opinião é do candidato a presidente pelo PDT, Cristovam Buarque, em entrevista ao jornal *Gazeta Mercantil*, 27-7-06. A seguir trechos de sua entrevista que também foi publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 3 de agosto de 2006. Buarque já concedeu entrevista à *IHU On-Line* na edição 107 do dia 28 de junho de 2004.

Por que a candidatura própria?

Cristovam Buarque - Porque um partido que não tem a candidatura própria fica descaracterizado, ele perde identidade nacional. É o candidato a presidente que define a linha de um partido e o PDT é um partido ideológico e de propostas. Decidimos lançar um candidato, porque nenhuma das outras legendas representavam a nossa proposta de governo.

O PSDB afirma que a sua boa performance e a da senadora Heloisa Helena serão importantes para tirar votos do PT e forçar um segundo turno. A sua candidatura também tem essa função?

Cristovam Buarque - A função da minha candidatura, por um lado, evidente, é ganhar a eleição, por outro lado, é para oferecer ao País uma

proposta de Nação, o que nós não vemos nos outros candidatos e é o que eu estou fazendo. Eu e o PDT consideramos que o Brasil esbarrou (parou). O País fez a sua revolução de 30, nos anos 50 cresceu, e a partir dos anos 80 esbarrou (parou). Mesmo quando cresce a economia, cresce com desigualdade, com violência, com corrupção, ineficiência, como um país dividido em corporações, sem um sentimento de nação. É preciso construir a Nação, e é preciso romper essa muralha que nos impede de entrar no século XXI, que nos impede de sermos modernos, com paz nas cidades, na eficiência da economia.

O nosso modelo de Estado faliu?

Cristovam Buarque - Não o Estado, mas o projeto de Brasil que não dá conta, pois provoca migrações que degradam as cidades, provoca a destruição ecológica e

é ineficiente. Não basta crescer, é preciso fazê-lo com eficiência e com distribuição de riqueza. O Brasil precisa de outro projeto, porque esse construído entre o ABC (região da Grande São Paulo tido como berço do PT e sede da maior parte das montadoras de automóveis do País) e a avenida Paulista (avenida, em São Paulo, onde está localizada a sede da Federação das Indústrias do estado de São Paulo, Fiesp) não responde às necessidades do Brasil e nós defendemos, e os outros não, que a porta de entrada para o século XXI e a modernidade é a educação.

Por que entre o ABC e a Paulista?

Cristovam Buarque - Quando eu digo isso é porque um projeto que nasce com a visão ideológica da indústria mecânica não poderá construir a modernidade para o País. Para isso precisamos dar um salto à indústria do conhecimento, além de construirmos igualdade de oportunidades. Quem termina sendo o grande prejudicado com isso é o estado de São Paulo que fica asfixiado se o resto do Brasil não funciona. Por exemplo, sem resolver os problemas do restante do País, a migração impede que o estado tenha uma boa qualidade de vida.

A sua campanha tem dado ênfase à educação...

Cristovam Buarque - Do mesmo jeito que o Juscelino (Kubischek) deu à questão da industrialização. Naquele momento (final da década de 50), era isso que significava um salto, mas a gente viu que foi um salto apenas material, concentrador, desarticulador e depredador. O que nós precisamos é de educação que vai gerar as duas coisas que o futuro precisa. Por um lado igualdade de oportunidades, sem o quê não há distribuição de renda, que não será conseguida através de um decreto

governamental. Um decreto pode até distribuir esmola, mas não renda. Além disso, a educação é a base para que construamos o capital do futuro que é o conhecimento. O capital do futuro não é mais a máquina, é o conhecimento.

O Bolsa-Família pode ser considerado uma esmola?

Cristovam Buarque - A transferência de renda sem um vínculo com a educação é esmola.

O senhor foi, de alguma maneira, impedido de exercer plenamente seu cargo de ministro?

Cristovam Buarque - Aquilo que estou defendendo hoje eu comecei no Ministério, mas vai levar 10 a 15 anos para se concretizar. O que eu sempre falei. O projeto de educação que eu defendo vai exigir uns 15 a 20 anos para mudar o Brasil. No Ministério, eu comecei a federalização da educação, com o programa de certificação do professor, eu comecei o horário integral, com o programa a escola ideal em 29 cidades, que iria levar dois anos para implantar. Deixei, inclusive, dinheiro no orçamento do ministério para 155 novas cidades. Comecei o projeto de erradicação do analfabetismo, que é uma das portas para a modernidade, e o resto que estava no programa do Lula eu transformei em projetos de lei e dei entrada na Casa Civil.

Todos os meus projetos pararam. O de erradicação do analfabetismo foi transformado em programa de alfabetização, como tem desde a época de Dom Pedro II, sem prazo, sem meta. Tanto que eu havia criado uma secretaria para a erradicação do analfabetismo que o Lula fechou. O programa "A Escola Ideal" não só foi suspensa como o dinheiro foi deslocado provavelmente

para as universidades, que têm força e sindicatos. O governo se submete muito a isso. O governo Lula trabalha para as corporações. Os projetos de lei ficaram parados.

Outras coisas, como os livros didáticos do ensino médio que eu implantei e comprei, mas eles ficaram guardados durante dois anos. O Prouni, eu deixei pronto com o nome de PAE, Programa de Apoio ao Estudante, mas com uma vinculação do estudante beneficiado se transformar em um alfabetizador de adulto.

A UNE pressionou, e o governo tirou essa função do projeto. O Fundeb, eu dei entrada no dia 15 de dezembro de 2003, ficou lá dois anos guardado. Durante o período que fiquei, fiz o que era preciso fazer. Dei entrada na Casa Civil de todas as leis que constavam no programa de governo divulgado durante a campanha eleitoral do Lula.

Na política econômica, na sua opinião, quais seriam as mudanças necessárias? Cristovam Buarque - Ninguém está satisfeito com a nossa economia, mas é preciso ter consciência das limitações dos governos diante da economia. O candidato que disser que criará 10 milhões de empregos, ou cinco, quatro ou vinte, está mentindo, como o Lula fez em 2002. Hoje o número de empregos depende da economia chinesa, da taxa de juros americanos, do clima político na Argentina, do humor dos empresários. Quem disser hoje qual deve ser a taxa de juros daqui a seis meses ou não entende nada de economia ou está mentindo.

A taxa de juros é uma questão do mercado, não se baixa por decreto. O que o governo pode fazer é garantir a estabilidade, não só da moeda mas das leis - uma das coisas que mais assusta a economia é a instabilidade legal -

garantir que as regras serão cumpridas, além de garantir a segurança nas ruas e a mão-de-obra preparada quando o empresário precisar. E mais uma coisa: temos que criar, com responsabilidade fiscal, empregos no setor público, mas produtivos. Por exemplo, precisamos contratar 400 mil professores, precisamos comprar 10 milhões de computadores nos próximos cinco anos, precisamos construir cinco mil escolas, precisamos contratar pessoas para colocar água e esgoto nas casas, tudo isso gera uma demanda na economia. É o que eu chamo de keynesianismo com responsabilidade fiscal.

O senhor não entrou na eleição para perder, mas em um segundo turno qual seria sua posição?

Cristovam Buarque - Quem irá definir isso será o partido. Mas hoje os dois candidatos são tão parecidos que não haverá problema de apoiar um ou outro, ou mesmo ficar indiferente ainda que eu não acredite nisso.

Por que eles são iguais?

Cristovam Buarque - Eles partem do mesmo princípio de que a dinâmica do Brasil para o futuro decorre da indústria mecânica e da exportação de alimentos e que isso geraria distribuição de renda, modernidade, paz. Aí perdem, porque o Brasil bate no muro, e eles dizem: o problema agora é cadeia. Eles não enxergam o Brasil como um todo, mas sim em pedaços que são as corporações. Se olharmos tanto os discursos do Lula como do Alckmin raramente eles falam em Brasil, mas sim em Bolsa-Família, em Prouni. Com a maior tranquilidade, eu digo que o meu projeto com respeito à educação vai levar de 15 a 20 anos, que eleitoralmente não é uma posição muito boa. O eleitor quer resolver o problema dele hoje.

Filme da Semana

Os filmes comentados nesta edição foram vistos por algum colega do IHU.

A Criança (L'Enfant) **Mais um grande filme dos irmãos Dardenne**

Ficha Técnica

Nome: ***A Criança***

Nome original: ***L'Enfant***

Cor filmagem: **Colorida**

Origem: **Bélgica - França**

Ano produção: **2005**

Gênero: **Drama**

Duração: **95 min**

Classificação: **Livre**

Direção: **Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne**

Sinopse: Bruno (Jérémie Renier) e Sonia (Déborah François) são dois jovens que vivem fora das convenções, não têm emprego, nem perspectiva de um futuro. Ele ganha dinheiro de pequenos furtos, com a ajuda de outros pré-adolescentes. Quando nasce o filho do casal, surge a oportunidade de uma nova vida. Porém, o rapaz não se mostra interessado nisso, e vende a criança.

Um filme, várias ambigüidades

Reproduzimos a seguir a resenha de Alysson Oliveira, publicada no sítio

www.cineweb.com.br.

“Um ano depois de ganhar a Palma de Ouro em Cannes, chega aos cinemas brasileiros o drama *A Criança*, dirigido e roteirizado pelos belgas Jean-Pierre e Luc Dardenne. Primando por um cinema extremamente humanista, os dois são considerados como alguns dos melhores cineastas em atividade. Essa distinção não acontece apenas por sua temática, que sempre aborda um viés social, mas também por uma identidade estética de seus filmes. Câmera na mão, nervosa e enquadramentos bem próximos da nuca de seus atores torna fácil identificar um filme dirigido por eles.

Aliada às belas imagens, os Dardenne buscam uma história humana, com personagens limítrofes lutando para manter – ou recuperar – algo que perderam, geralmente um valor moral, embora metaforicamente esse seja representado por algo material. Em *Rosetta*, também premiado em Cannes (e inédito no circuito comercial brasileiro), a protagonista perde o emprego e faz de tudo para ter um trabalho. A questão, para a personagem, não é um emprego para se sustentar, mas sim, para manter um lugar na sociedade. No mundo contemporâneo, quem não trabalha, não produz, conseqüentemente não existe.

Aqui, quem parte na sua jornada de busca do valor perdido é o jovem Bruno (Jérémy Renier), um jovem que parece ser guiado por um código moral pessoal. Vivendo numa cidade industrial, longe dos cartões postais

européus, não lhe resta muito o que fazer da vida. Ele não pensa em trabalhar (“Trabalho é para trouxas”, diz), e vive de pequenos furtos praticados com a ajuda de garotos menores do que ele.

Crianças despreparadas para o mundo

Numa das primeiras cenas do filme, ele encontra Sonia (Déborah François) que traz um bebê em suas mãos. A situação é tão estranha para os dois, que mais parecem estar segurando um boneco e não o filho deles que acabou de nascer. Os dois, na verdade, são duas crianças quase tão despreparadas para o mundo quanto o recém-nascido. Sem ter onde ficar, pois Bruno alugou o apartamento onde moram, eles se instalam num albergue para passar a noite. Depois de conseguir um dinheiro, o rapaz compra um carro importado e um carrinho de bebê. Por acaso, alguém menciona a Bruno que vender uma criança pequena pode dar muito dinheiro.

Embora essa informação pareça passar despercebida, mais tarde ele vai em busca de contatos para vender seu filho recém-nascido, a quem Sonia batizou como Jimmy. A transação é rápida, e Bruno recebe os detalhes de como proceder via celular. Tudo acontece com uma rapidez assustadora e dolorosa para o público – uma vez que o pai não está ligando para a criança; como ele mesmo diz, “é fácil fazer outro”.

Entretanto, os resultados desse comércio saem do controle de Bruno. A reação de Sonia é inesperada para ele. O rapaz não consegue perceber que ela não age conforme o mesmo código dele. É nessa hora que ele percebe que está correndo um grande risco. O roteiro, então, passa a contar a tentativa dele recuperar seu filho.

A ambigüidade de todo o filme começa com o título. Se numa primeira leitura, a palavra “criança” se refere ao recém-nascido que muda a ordem pré-estabelecida da vida de Bruno, o termo também se aplica à condição do casal. Bruno é a verdadeira criança do filme, não apenas num significado metafórico do termo, mas também psicológico e social. Ele e Sonia fazem brincadeiras e birras infantis.

Bruno é um personagem que transita na ambigüidade. Se não é capaz de ser pai de seu próprio filho, ele é uma figura paterna convincente a um grupo de jovens trombadinhas que lhe ajudam – tal qual o personagem Fagin, de *Oliver Twist*. O cuidado que ele tem com um garoto em especial chega a ser comovente, pois faz pensar que ele

Outros comentários:

Eduardo Valente, publicado no sítio www.contracampo.com.br:

“Pode-se dizer que a principal preocupação dos irmãos Dardenne neste novo filme é a transformação do ser humano em objeto, por conta de sua presença numa microcadeia econômica. Essencialmente, este tema está presentificado na figura do bebê, que não por acaso nunca é mais do que um corpo que chora (não há no filme todo a individualização daquela criança). E que depois se transforma em

poderia desempenhar o papel de pai, se tivesse vontade, é claro.

Filmes naturalistas

Por terem iniciado a carreira como documentaristas, os irmãos Dardenne são capazes de imprimir um inconfundível estilo naturalista em seus filmes. A câmera está cada vez mais próxima de seus personagens, criando uma intimidade claustrofóbica entre a platéia e aqueles que estão na tela. Porém, se em *O Filho* a câmera está nessa condição o filme todo, em *A Criança* temos um espaço entre as lentes e Bruno, no início. À medida que o personagem percorre seu calvário, a câmera se aproxima dele e vamos nos tornando mais íntimos de sua condição, e passamos a acreditar na possível redenção.

Sem buscar explicações psicológicas ou sociológicas para seus personagens, *A Criança* pinta um retrato que se abstém de julgamentos. Aliás, parece ser fácil julgar e condenar Bruno por seus atos. Mas as imagens finais lançam uma nova luz sobre um possível futuro. Não é possível determinar se será melhor, mas é bem provável que diferente do passado”.

mercadoria: trocado por um envelope cheio de dinheiro, depois retrocado por uma bolsa. Nas duas cenas, a encenação é magistral: um objeto “torna-se” outro, com um indivíduo tornado equivalente a um monte de notas de dinheiro. Não se poderia ser mais claro”.

“O fato é que, por trás desta narrativa está, no fundo, o mesmo dilema moral (porque os dilemas sempre são morais

no cinema dos Dardenne) de O Filho: há atos totalmente imperdoáveis, ou toda ação humana pode ser compreendida dentro de seu contexto, sempre individual e não-categorizável? A resposta, como sempre no cinema dos irmãos, aponta para o caminho da

compreensão – menos porque os personagens o tornem realidade do que pela soma daquilo que acompanhamos e sentimos. E o plano final, como já era o caso em Rosetta ou O Filho, apresenta a catarse completa deste que é um cinema humano, antes de tudo.”

Quando exatamente um humano torna-se desumano?

Bernardo Krivochein é o autor do comentário a seguir, publicado originalmente no sítio www.zetafilmes.com.br.

“Quando exatamente um humano torna-se desumano? *L’Enfant*, surpreendente vencedor da Palma de Ouro em Cannes deste ano, ao invés de baixar o quadro-negro e lecionar de um ponto de vista superior, se dirige à mesma juventude dessensibilizada atual, marginalizada pela mesma sociedade de consumo que moldou o seu caráter, que acompanha”.

“Um filme ficcional de modelo documental. Um filme de corpos livres que se tornam regidos por emoções alienígenas. Um filme premiado com a Palma de Ouro que o grande público pode finalmente entender por que foi premiado (e, depois de *Elefante* e *Fahrenheit 9/11*, um que de fato o

merece). Um filme em que o casal de protagonistas, Jérémie Renier e Déborah François, deixam-se tomar pelos papéis em atuações sem linhas de costura, *L’Enfant* aborda os impulsos materialistas de um mundo mimado pelo mercado, regido pela inconseqüência dos atos alheios. Novamente, se o filme decepciona pelo seu imediatismo e formalismo, ganha ao mesmo tempo porque o apelo dos Dardenne se traduz claramente. Se a emoção dos últimos frames é exagerada e apelativa, é porque ela está literalmente gritando para chamar a atenção para si. São os ouvidos da platéia que estão desacostumados”.

Livro da Semana

O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Tudo o que Jacques Lacan falava delas

Giovanna Bartucci

A seguir publicamos o artigo escrito pela psicanalista Giovana Bartucci, autora, entre outros, do livro *Fragilidade Absoluta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006 e *Psicanálise, Cinema e Estéticas de Subjetivação*. São Paulo: Imago, 2000. No texto Bartucci comenta o livro *O que Lacan Dizia das Mulheres*, escritor por Colette Soler. A editoria *Livro da Semana*, da edição 87 da *IHU On-Line*, de 9 de dezembro de 2003, reproduziu um texto preparado por Bartucci, comentando o livro *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, de Julia Kristeva.

Colaboradora próxima de Lacan, Colette Soler é uma psicanalista conhecida no Brasil (onde vem regularmente há vinte anos) por sua transmissão clara e precisa da psicanálise, tanto em suas palestras quanto em seus textos. Em *O que Lacan dizia das mulheres* – livro que recebeu o prêmio Psyché 2002, concedido pela Association Française d'Études et Recherches Psychiatriques.

O Que Lacan Dizia das Mulheres, da psicanalista francesa Colette Soler, reúne artigos que tiveram como objetivo atualizar o alcance das contribuições do psicanalista Jacques Lacan²⁴ sobre a diferença entre os sexos

²⁴ **Jacques Lacan (1901-1981):** psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho

de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

no inconsciente e na civilização. Como sugere Soler, Freud²⁵ recorreu a Édipo como uma resposta e uma solução. À pergunta "como pode um homem amar sexualmente uma mulher?", a "solução": não sem haver renunciado ao objeto primordial, a mãe, e ao gozo referido a ela, ou seja, não sem uma castração do gozo.

Em outras palavras, enquanto uma estrutura que ordena o desejo, ao complexo de Édipo caberá organizar o devir humano em torno da diferença dos sexos e das gerações, por meio da promoção da interiorização da interdição oposta aos dois desejos edípicos - incesto materno e assassinato do pai. Interdição essa que, abrindo acesso à cultura por meio da submissão e da identificação ao pai portador da lei, regula os caminhos do desejo.

O inconsciente freudiano, contudo, não conhece a biologia e abriga apenas o que Freud encontrou nele: as pulsões parciais. A pulsão oral - a criança que pede o seio à mãe; a pulsão anal - a

mãe que pede as fezes à criança; ou, ainda, a pulsão escópica - que confere ao olho a função de tocar com o olhar, de despir com o olhar. E a pulsão genital, aquela que assinalaria para cada um o parceiro sexuado? Não há pulsão genital no inconsciente e, como observa Soler, é a essa pergunta que responde o Édipo freudiano. Assim, enquanto as pulsões parciais em si ignoram a diferença sexual, "Freud descobriu que, no inconsciente, a diferença anatômica é transformada em significante e reduzida à problemática do ter fálico".

De fato, Freud se apercebe da prevalência de um significante único, o falo - o pênis -, passando a formular a diferença sexual em termos anatômicos. Constrói, assim, a tese, que a muitos escandalizou, que faz da falta fálica o princípio dinâmico de toda libido, e que afirma que a identidade sexuada do sujeito é forjada a partir do medo de perdê-lo, naquele que o tem, e da vontade de tê-lo, naquela que é privada dele. "É a orientação do desejo sexuado como tal que se torna passível de explicação. E logo se vê que, para Freud, nesse aspecto, homo e heterossexualidade estão em igualdade."

Entretanto, assim como o ser sexuado do sujeito não se reduz à anatomia, o Édipo produz o homem, não produz a mulher. De fato, se, na medida em que se descobre privada do pênis, a menina torna-se mulher quando aguarda o falo - ou o pênis simbolizado - daquele que o tem, "a mulher é definida unicamente pelas vias de sua parceria com o homem", salienta Soler. Não à toa, feministas desde Freud protestam em face a uma hierarquização do sexo, que faz da falta fálica o núcleo do ser

²⁵ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8 de maio de 2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*. (Nota da *IHU On-Line*)

feminino, colocando-o sob o signo de um valor menor.

Contudo, ao retomar a questão, Lacan apreende sua inteligibilidade: "Não é do pênis que se trata, mas do falo, de um significante que, como todo significante, tem lugar no discurso do Outro, sempre transindividual." Nos anos 1970, entretanto, Lacan não objeta ao falocentrismo do inconsciente, circunscrevendo-o à lógica da castração, e acrescenta que "essa lógica não regula todo o campo do gozo: há uma parte dele que não passa pelo Um fálico e que permanece, real, fora do simbólico. Dizer que a mulher não existe é dizer que é apenas um dos nomes desse gozo, real". No entanto, "este outro gozo, suplementar, que, longe de excluir a referência ao falo, soma-se a ela, não deixa de ser situável por uma outra lógica, esta não de conjunto: a do não-todo", destaca ainda Soler.

Assim é que, ao se colocar a questão acerca da "marca própria da mulher",

Soler sugere que "a marca própria que designa o limiar, a fronteira da parte 'não' do todo fálico, do não-todo", aproxima-se de "uma vertigem do absoluto da qual o amor e a morte são apenas os nomes mais comuns" - um "traço de aniquilação". O que então diferencia a leitura de Soler é que a autora quer assinalar que essa marca que chamei de "aniquilamento" indica uma estrutura em ação. E, de fato, "se A mulher, escrita com maiúscula, é impossível de identificar como tal, uma vez que 'não existe', isso não impede que a condição feminina exista". Como salienta Soler, contudo, será somente em face da possibilidade de uma estrutura "em ação" que "o 'O que quer uma mulher?" com que Freud interrogava o desejo e a sexualidade feminina, em nível privado, (assuma) hoje uma dimensão totalmente diferente, social e coletiva".

As missões jesuíticas e o *Jornal Nacional*

Na noite do dia 31-7-2006, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, iniciou uma série chamada *Caravana JN*, que consiste em uma viagem de 15 mil quilômetros por todas as regiões brasileiras até o final de setembro, às vésperas das eleições. No primeiro programa foi exibida a matéria sobre São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul.

Ao contar a história da região das missões, o jornalista Pedro Bial provocou algumas reações na comunidade acadêmica e em geral, pela forma como ele se referiu ao período das missões jesuíticas. A equipe da *IHU On-Line* propôs a algumas pessoas que reagissem sobre a reportagem de Bial, que reproduzimos a seguir. Logo após o texto, confira os depoimentos de alguns pesquisadores das missões, como Alcy Cheuiche, Beatriz Franzen, Arthur Rabuske e Sandro Schmitz dos Santos. Os depoimentos foram publicados nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU.

Leia a seguir os principais trechos do texto de Pedro Bial, extraído da página do *Jornal Nacional*: www.globo.com/jn.

“A cidade de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, é o ponto de partida da Caravana do *Jornal Nacional* (...). Só que a importância histórica deste lugar não pode ser subestimada. Foi onde há mais de três séculos, promoveu-se uma das mais ousadas experiências socialistas da história: as missões jesuítas, que foram muito além de um projeto de catequização. (...)”

Os arqueólogos trabalham na terra da catedral local, cuja fachada é uma homenagem à igreja da mais preservada e famosa redução missioneira, a de São Miguel. Essas ruínas são a marca mais evidente de um grandioso projeto jesuíta de mais de 300 anos atrás. A restauração de uma república igualitária que, assim como o comunismo, tinha caráter totalitário.

As cidades altamente organizadas eram conhecidas como reduções, pois os índios eram de fato reduzidos ao poder jesuíta. Só a população dessa redução era de 6 mil pessoas. Era o que se chama de uma teocracia, governo de Deus, o todo poderoso governava

através de seus ministros, mais ou menos como os aiatolás do Irã contemporâneo. Os padres jesuítas mandavam e os índios guaranis obedeciam.

Espremidos entre dois impérios em expansão, o espanhol e português, os jesuítas foram expulsos e guaranis dizimados. Hoje, cerca de 200 índios vivem de um passado que mal conhecem”.

"Teocracia nas missões? Não aceito!"

Beatriz Franzen

Beatriz Franzen é doutora em História pela Universidade de Lisboa, onde defendeu a tese intitulada *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1560-1640). Um estudo comparativo*, posteriormente editada em livro (São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999). Ela também publicou o livro *Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais: novos estudos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. O depoimento a seguir foi concedido por telefone e publicado no sítio do IHU nas *Notícias Diárias*, no dia 03/08/06.

“O projeto da Globo é realmente muito interessante e muito válido, inclusive. Achei que foi muito positivo o que eles mostraram, as tomadas foram belíssimas a respeito das ruínas. Realmente os objetivos eles estão alcançando, pelo menos no que diz respeito àquilo que foi mostrado.

Entretanto, há algumas colocações com que não posso concordar. Há o caso, por exemplo, de querer comparar o projeto das reduções com o projeto socialista, como se fosse um projeto socialista. Não tem absolutamente nada a ver uma coisa com a outra. O modelo socialista do mundo contemporâneo é uma coisa e as reduções tinham outro objetivo.

Quando os jesuítas criaram as reduções no Paraguai, eles estavam repetindo o modelo que já havia começado a desenvolver-se no Peru e também no Brasil, pelos aldeamentos,

especialmente aqueles já instalados em São Paulo e na capitania do Rio de Janeiro, que já davam alguns resultados. É precisamente este modelo que os jesuítas espanhóis vão tentar instalar na, então, província jesuítica do Paraguai.

A redução, dentro do espírito de Antonio Ruiz de Montoya, que foi um dos padres fundadores das reduções, um de seus primeiros superiores, visava principalmente a reunir os índios com o objetivo de facilitar o trabalho de catequese, ao mesmo tempo em que o jesuíta procurava ir ao encontro do índio, no seu habitat, para não retirá-lo do seu ambiente, para então poder se organizar e trabalhar organizando a catequese.

As reduções eram “pueblos” do império espanhol. É preciso considerar que, dentro do império espanhol, os indígenas eram súditos do rei da Espanha. Portanto, aquilo não se

constitui numa república como alguns autores colocaram e repetem até hoje. É interessante observar que, nas cartas de 1750-1756 da província jesuítica do Paraguai, a partir do momento em que está começando a se desenvolver o trabalho de transmigração dos indígenas dos sete povos para as terras onde hoje é a Argentina, os índios se manifestam contrários a esta transferência do Contrato de Madri, que estava trocando os sete povos pela colônia de Sacramento. Essa contrariedade iniciou uma tensão. Inclusive a correspondência dos índios que deveria ter sido enviada para o rei da Espanha, não chegou até ele, porque as autoridades locais interceptaram. Mas nessas cartas eles chamavam atenção para o fato de que o nosso rei, que no caso era o rei da Espanha, estava precisamente descumprindo com o compromisso que tinha a coroa espanhola assumido com os indígenas,

de respeitar os seus direitos como súditos espanhóis.

Os jesuítas fizeram efetivamente um trabalho de supervisão. Mas os índios dentro desses pueblos tinham autonomia e haviam cargos de administração ocupados pelos indígenas. Os jesuítas efetivamente supervisionavam e davam toda a orientação religiosa. Eu não posso, de maneira nenhuma, aceitar a tese de que uma teocracia estava ali se formando. Não, em absoluto. Eles eram efetivamente parte integrante do império espanhol. É claro que os jesuítas tinham um projeto de catequese, um projeto de evangelização dentro do espírito do que se desenvolve dentro do século XVI, mas que evoluiu ao decorrer dos tempos. Essa colocação de república, de um estado teocrático, de uma república socialista, não corresponde de maneira nenhuma ao verdadeiro projeto que ali se desenvolveu”.

Estudos sérios são necessários para entender as Reduções Guaranis

Arthur Rabuske

Arthur Rabuske é padre jesuíta, pesquisador, tradutor e escritor polígrafo. Sua formação engloba Filosofia e Teologia com caráter lingüístico-filosófico e Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas. Lecionou de 1959 a 1968, quando abraçou, em tempo integral, as pesquisas históricas no campo das Reduções Guaranis, da sua Ordem Restaurada no Brasil, e da ex-Colônia Alemã no País. Até hoje, com mais de 80 anos, Pe. Rabuske prossegue em suas investigações sobre a história missionária, em especial sobre a trajetória jesuítica moderna, de 1842 em diante, e na antiga, de 1626 a 1768,

propriamente a das Reduções Guaranis em suas duas fases distintas. Tem centenas de publicações, entre artigos, ensaios, brochuras, traduções e livros, além de verbetes bibliográficos. Em função disso, é referência no assunto no mundo inteiro. O depoimento a seguir foi enviado por e-mail e publicado nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 03/08/06.

”Assisti, vendo, ouvindo e apreciando, dia 31 de julho de 2006 à noite, essa preciosa parcela inicial da reportagem indicada supra, que se me afigura em grande alcance no seu todo planejado. Concebo de bom grado que, em geral, ela me pareceu de alto gabarito jornalístico televisionado, já a partir dos recursos excepcionais da Globo. Assim, tanto a imagem como a palavra textual refletiram com bastante acerto o que atualmente circula na mente e imaginação da nossa gente gaúcho-missioneira, a propósito das antigas reduções guaranis ou jesuíticas. Mas tal fato inegável não nos diz que ela possua corretos e sólidos conhecimentos de uma obra passada admirável, da qual lhes falam antes de tudo ruínas gigantescas.

As diversas qualificações que se aplicam às Missões pelos termos de utopia, teocracia, república, experiência socialista, comunista e igualitária, aos quais se poderiam acrescentar os de ”reino” e ”império”, não correspondem a seus conceitos devidos, visto serem anacrônicas, simplórias ou errôneas.

Somente este exemplo:

”As cidades altamente organizadas eram conhecidas como reduções, pois os índios eram de fato reduzidos ao poder jesuíta”...A origem do termo era a de os índios da América Espanhola serem reduzidos à vida religiosa (cristã) e civil”.

Em sucinta conclusão dupla: negativamente nada contra a produção da Globo, e positivamente o convite para estudos sérios, amplos e aprofundados”.

Jornal Nacional nas Missões Guaranis: entre tapas e beijos

Alcy Cheuiche

Alcy Cheuiche é professor visitante da Universidade da Região da Campanha (URCAMP), onde ministra oficinas de criação literária. É autor do romance histórico *Sepé Tiaraju, Romance dos Sete Povos das Missões*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1984, que foi traduzido para o espanhol e para o alemão e também editado em quadrinhos no Brasil. Entre outras entidades culturais a que pertence, é membro vitalício e secretário-geral da Academia Rio-

Grandense de Letras e sócio fundador da Associação Gaúcha de Escritores. O depoimento a seguir foi enviado por e-mail e publicado no sítio do IHU nas Notícias Diárias do dia 03/08/06.

”Os beijos começam pela escolha de São Miguel das Missões como ponto de partida da caravana do Jornal Nacional que vai percorrer o país para mostrar ”os anseios e desejos dos cidadãos”. Nenhum local em nossa latitude é mais importante do ponto de vista histórico e político. As ruínas da catedral, famosas no mundo inteiro, foram tombadas pela Unesco, em 1983, como ”Patrimônio da Humanidade”, o único do Rio Grande do Sul e um dos poucos do Brasil. E essa escolha se fez não somente pela ousadia do famoso arquiteto jesuíta Giovane Batista Primoli e da tarefa hercúlea dos índios que a construíram com entusiasmo e amor, de 1734 a 1744, e a queimaram em 1756 para não entregá-la intacta aos invasores espanhóis e portugueses. São Miguel é, acima de tudo, o símbolo de uma experiência educativa e cultural, que revelou ao mundo a mais perfeita sociedade socialista cristã de todos os tempos. É a única oportunidade que os índios americanos tiveram para mostrar, durante mais de cem anos, as suas qualidades sociais e culturais. E isso eu não afirmo sozinho. Desde Voltaire, no século XVIII, até o Governo do Rio Grande do Sul que acaba de

reconhecer oficialmente um líder missioneiro, Sepé Tiaraju, como herói rio-grandense nos 250 anos de sua morte, os trinta e três povos das missões não podem ser confundidos com o ”fundamentalismo dos aiatolás”, um tapa na cara da história missioneira. Quanto ao termo *reduções*, dizer que tinham esse nome porque ”os índios eram de fato reduzidos ao poder jesuítico” é uma asneira semântica. Em verdade, a palavra redução significa recondução, a partir da frase em latim: *Ad ecclesiam et vita civile reductere*, que significa ”reconduzir à Igreja e à vida civil”. Essa acusação é velha e superada, como a que afirma que os índios comiam os bois que lhes davam para lavrar a terra. Em verdade, com a destruição das reduções guaranis, os invasores portugueses e espanhóis ”herdaram” dois milhões de cabeças como espólio de guerra, abigeato gigantesco que foi a base de toda a riqueza pastoril do sul do Brasil, e propiciou aos alemães que chegaram em 1824 o início da até hoje próspera indústria coureiro-calçadista. Vamos respeitar os índios guaranis, eles não eram (e não são) bobos como muitos brancos ainda continuam pensando”.

“Não houve o império jesuítico”

Sandro Schmitz dos Santos

IHU On-Line ouviu mais um pesquisador do Rio Grande do Sul sobre a matéria do *Jornal Nacional* sobre São Miguel das Missões, veiculada na noite da última segunda-feira, dia 31-7-2006. Quem contribui com sua análise é Sandro Schmitz dos Santos, coordenador de pesquisa do NEPCI, da PUCRS, e responsável pela linha de pesquisa: *“Identificação da Organização Militar na sociedade dos Povos das Reduções Jesuíticas”*, que enviou seu depoimento por e-mail. Sua análise foi publicada no sítio do IHU nas *Notícias Diárias* do dia 04/08/06.

“Sobre a matéria veiculada pelo *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, passo a analisar o texto de Pedro Bial e constato que, no segundo parágrafo, é feita a seguinte afirmação: “Foi onde há mais de três séculos, promoveu-se uma das mais ousadas experiências socialistas da história: as missões jesuíticas, que foram muito além de um projeto de catequização”.

Há muito tempo se costuma qualificar a experiência das reduções como socialista e parte da doutrina insiste nesta qualificação. Ocorre, porém, que sob qualquer ângulo de análise tal aproximação é inviável, porque já está comprovado que os povos indígenas possuíam uma forte caracterização social à época, existindo diferenças entre as classes, inclusive, na estrutura das casas dos moradores das aldeias, de acordo com seu poder aquisitivo.

A segunda afirmação deste parágrafo é correta, porém, de certa temeridade. Não temos dados, ainda, seguros que embasem a existência, ou não, de um projeto além do de catequizar os índios. Apesar de fortes indícios, é temerário se realizar tal assertiva no momento.

No sexto parágrafo, existe uma assertiva extremamente perigosa quando afirma: “Era o que se chama de Teocracia, Governo de Deus, o todo poderoso governava através de seus ministros, mais ou menos como os aiatolás do Irã contemporâneo”.

Esta afirmação demonstra total desconhecimento por parte da equipe de reportagem da Ordem Jesuíta. Inegavelmente, esta congregação religiosa possui um forte elemento de hierarquia e disciplina - a exemplo da disciplina oriunda das forças armadas - tendo em vista o fato de seu fundador ter origem militar.

Entretanto, confundir estes princípios com fundamentalismo é, no mínimo, estreiteza de visão. É sabido, sem muita busca, do magnífico projeto de catequização por meio de instrução/educação idealizado pelos jesuítas.

Jamais os padres jesuítas subjugaram os indígenas, e as reduções foram feitas desta forma com o fito de melhor organizar a população guarani e educar de acordo com a fé cristã, mas, jamais, com o sentido apontado no final da

reportagem: "Os padres jesuítas mandavam e os índios guaranis obedeciam".

A maior prova deste fato é, justamente, o que a matéria afirma em seu oitavo parágrafo, quando diz: "a utopia guarani deixou uma marca cultural que forjou o Rio Grande do Sul: a criação de gado. Produção de leite, da mandioca o milho, o feijão, tem produção de gado também".

Nesta frase fica evidente a troca profunda que se realizou entre os

índios e os jesuítas, não existindo, portanto, esta característica de império jesuítico apontado pela matéria. Basta lembrar que, quem controlava a aldeia eram os caciques que, em regra, se aconselhavam com os padres jesuítas.

Obviamente, devemos aplaudir a iniciativa do *Jornal Nacional*, pois o desconhecimento sobre nosso País pela população é enorme e este tipo de iniciativa deve ser sempre incentivado".

Seminário Internacional reflete sobre legado jesuíta

Diante de um novo contexto histórico, de crise da modernidade, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), junto a outras universidades brasileiras, abre um espaço de amplo debate. Trata-se do **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas – origens, história e impactos**, que acontece na Unisinos, de 25 a 29 de setembro de 2006. O evento se insere nas comemorações do Ano Jubilar Inaciano, celebrado de 3 de dezembro de 2005 a 3 de dezembro de 2006 em função dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, membros do grupo de estudantes da Universidade de Paris, companheiros de Inácio, fundadores da Companhia de Jesus.

Ao longo da história dos Jesuítas muitos nomes poderiam ser destacados nos diversos continentes com grande impacto na Filosofia, na cultura, na

política, na Física e em muitas outras áreas da vida da sociedade e da produção de conhecimento. A edição 186 da *IHU On-Line, Jesuítas. Quem são?* apresenta alguns dos impactos da Companhia na sociedade lembrando grandes personalidades como o próprio Inácio, o historiador, teólogo e escritor, Michel de Certeau, o filósofo, Henrique Cláudio de Lima Vaz, o poeta Gerard Hopkins e o missionário Matteo Ricci, entre outros. Também outras edições da revista *IHU On-Line* abordaram o tema. A edição 102, de 24/05/2004 foi dedicada ao jesuíta e teólogo Karl Rahner, a edição 140, de 08/05/2005 ao teólogo e cientista Teilhard de Chardin e a edição 19 dedicada ao filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, do dia 19/05/2002.

Exposição, filme, minicursos e conferência na abertura do Seminário

A programação do **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas** é bem variada. Em 25 de setembro, segunda-feira, a abertura do evento conta com uma Exposição de Arte Sacra, no Miniauditório da Biblioteca. Das 10 às 13h o filme *A Missão*, de Roland Joffé, será exibido e comentado pelos professores Dr. Pedro Ignácio Schmitz e Dr. Gilberto Assis Brasil (Giba Assis Brasil), ambos da Unisinos. Das 14 às 16h três minicursos serão oferecidos. Para conferir os horários, locais e temas de cada um deles, acesse o sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Às 17h45min, acontece o *Show Musical Anchieta*, cujo tema é Inácio de Loyola, e às 18h30min o Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Superior Geral da Companhia de Jesus, profere a conferência de abertura *As origens universais da Companhia de Jesus*.

Possibilidades e desafios para a contemporaneidade.

Filme Malagrida e visitas guiadas

Na terça-feira, 28 de setembro, das 17 às 19h, será exibido o filme *Malagrida*, de Renato Barbieri. Em seguida, o público poderá debater diretamente com o diretor sobre aspectos da obra.

No dia seguinte, 29 de setembro, o Instituto Anchieta de Pesquisas, situado na Antiga Sede da Unisinos, no centro de São Leopoldo, recebe uma visita guiada. A Biblioteca da Universidade, no campus, também será visitada de forma dirigida. As inscrições já estão abertas e são limitadas.

Assuntos como o sino das missões jesuítas, o valor da educação musical nos Sete Povos das Missões, mística e espiritualidade inaciana e Sepé Tiaraju são outros dos temas em discussão do **Seminário Internacional**. Participe você também!

Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: Permacultura para um mundo sustentável

Entrevistado: Eduardo José Diehl

Entrevista: IHU On-Line entrevistou por e-mail o médico veterinário, permacultor e educador ambiental Eduardo Diehl sobre permacultura, tema de uma palestra ministrada por ele no dia 11 de julho. A explanação *Permacultura: uma visão de mundo sustentável* foi promovida pela Fundação Gaia, em Porto Alegre, no auditório da Livraria Cultura (Bourbon Shopping Country) em Porto Alegre. Na entrevista,

Eduardo Diehl fala sobre como a permacultura vem se tornando uma ferramenta fundamental para a construção do terceiro milênio. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 1/8/2006.

Título: O risco da desagregação total e da barbárie

Entrevistado: Fábio Konder Comparato

Entrevista: Fábio Konder Comparato lançou recentemente o livro *Ética, Direito, moral e religião no mundo moderno* (Companhia das Letras), com 700 páginas nas quais discorre sobre os sentidos da ética - para ele, o conjunto de preceitos que rege a vida das pessoas - ao longo da História. Em entrevista ao jornal *Globo*, 29-7-2006, o professor titular de direito da USP afirma que trabalha para a criação de uma sociedade mundial harmônica e defende a valorização da mentalidade republicana e da democracia completa, embora o capitalismo, na era da globalização, mostre-se profundamente anti-republicano. Será através da valorização dos direitos humanos, com o reforço da ONU, diz, que o mundo escapará da barbárie e da desagregação. Confira nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 1/8/2006.

Título: Águas do Aquífero Guarani: um recurso nobre

Entrevistado: Ricardo Hirata

Entrevista: Ricardo Hirata, professor no Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental do Instituto de Geociências da USP participou da 58ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que ocorreu de 16 a 21 de julho de 2006, em Florianópolis, apresentando o tema *Aquífero Guarani: oportunidades e desafios do grande manancial do Conesul*. E foi sobre esse assunto que a *IHU On-Line* realizou com ele uma entrevista por e-mail publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 2/8/2006.

Título: O seminário católico. Uma análise psicossocial

Entrevistado: Silvio Benelli

Entrevista: Como o seminário católico prepara os futuros padres? Como ele funciona? Quais os procedimentos que ele utiliza no processo formativo do clero? São essas as questões discutidas no livro *Pescadores de Homens. Estudo psicossocial de um seminário católico* de autoria de Silvio Benelli, lançado este ano pela Unesp Editora. *IHU On-Line* entrevistou por e-mail o autor do livro, Silvio Benelli, que possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, graduação em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras e mestrado em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp. Ele fala sobre os detalhes da pesquisa que foi publicada e afirma que "viver o evangelho, seguindo Jesus Cristo, hoje, seria o maior tesouro que um seminarista poderia levar consigo". Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 3/8/2006.

Título: Universidade: Torre ou Sino?

Entrevistado: Luiz Siveres

Entrevista: Nos debates sobre a sociedade contemporânea, diversos atores têm se questionado sobre qual o seu papel diante das constantes mudanças com as quais

convivem no cotidiano. Um deles é a universidade. Pensando nisso, o professor Luiz Siveres, da Universidade Católica de Brasília, escreveu o livro ***Universidade: torre ou sino?*** que foi lançado no dia 2 de agosto, pela Editora Universa, de Taguatinga, Distrito Federal. Luiz Siveres é professor de Filosofia e Ética, diretor dos programas de extensão e pesquisador na Universidade Católica de Brasília. Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, é mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília, e doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Siveres concedeu por e-mail, uma entrevista à ***IHU On-Line***, falando sobre a obra que reflete sobre os possíveis caminhos da universidade na contemporaneidade. Confira a entrevista publicada nas ***Notícias Diárias*** do sítio do IHU, no dia 4/8/2006.

Entrevistas reproduzidas no sítio do IHU

Título: As idéias do PSOL

Entrevistado: César Benjamin

Entrevista: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que nos rendermos à especulação financeira", diz César Benjamin, responsável pelo programa de governo da candidata do PSOL à Presidência, Heloísa Helena, e vice em sua chapa em entrevista ao jornal *O Globo*, 23-7-06. Confira a entrevista nas ***Notícias Diárias*** do sítio do IHU no dia 4/8/2006.

Título: "Sem valores éticos, as democracias estão perdidas. Veja os EUA"

Entrevistado: Hans Küng

Entrevista: O teólogo Hans Küng (Sursee, Suíça, 1928) é um dos grandes pensadores contemporâneos e tem sido a ovelha negra da dissidência eclesial durante todo o pontificado do Papa polaco, Karol Wojtyła. Mas agora, na cadeira pontifícia está o Papa Ratzinger, que, além de ser alemão, foi seu amigo. E Küng, em seus 78 anos, pede ao amigo Papa a reabilitação. Não quer o barrete cardinalício, porque não está disposto a perder todos os seus dentes caninos. Defende o Islã e arremete contra os Estados Unidos, por haverem perdido "sua autoridade moral". Traduzimos e publicamos a íntegra da entrevista publicada na revista espanhola *21RS-La Revista*, 28-7-2006. Confira nas ***Notícias Diárias*** do sítio do IHU no dia 4/8/2006.

Frases da semana

Mães e seus filhos assassinados

“Quando meu filho apareceu em casa com o primeiro tiro no peito, comecei a pagar o caixão. Não queria ter de pedir esmola pra enterrar meu menino como vejo tantas mães por aí. No dia em que ele foi morto pela polícia, eu estava com duas prestações atrasadas. O pai dele tinha ganhado um dinheirinho fazendo pão, e eu mandei o irmão dele pagar o carnê de manhã bem cedo. Meu filho pôde morrer honestamente. Agora me preparo para enterrar o próximo”.

- Enilda Rodrigues da Silva, cujo filho foi morto em dezembro, aos 20 anos - *Época*, 31-7-2006.

“A gente controla até os 10, 11 anos. Depois, de um dia pro outro, não consegue mais. E o que encontram na rua? Não tem lazer, não tem nada. Tem o tráfico. A pedra tá acabando com os meninos tudinho”.

- Enilda Rodrigues da Silva, cujo filho foi morto em dezembro, aos 20 anos - *Época*, 31-7-2006.

“Eu não agüentava mais assistir meu filho apanhando da polícia. Pedia pra não baterem, mas batiam. Ele já tinha uma hérnia nos testículos de tanto levar chute. Em 20 anos de vida, ficou mais tempo preso que solto”.

- Enilda Rodrigues da Silva, cujo filho foi morto em dezembro, aos 20 anos - *Época*, 31-7-2006.

Cuba

“Por causa dos planos do império (EUA), meu estado de saúde se converte em segredo de Estado, que não pode ser divulgado constantemente”.

- Fidel Castro, presidente de Cuba - *Repubblica*, 3-8-2006.

“Sempre se disse que o irmão de Fidel Castro, Raul, é gay. Não sei se é verdade ou não. Se é verdade, é possível esperar que o regime passe a garantir os direitos humanos de todos os cubanos inclusive os gays”.

- Franco Grillini, deputado italiano do partido de esquerda, Democracia Socialista - DS - *Repubblica*, 2-8-2006.

“Eu conheço duas pessoas que usam a mesma roupa há 40 anos: Fidel Castro e Heloísa Helena!”

- José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 5-8-2006.

Corrupção

”Há provas suficientes para responsabilizar um elevado número de parlamentares. Isso é inquestionável”.

- Antonio Carlos Biscaia, (PT-RJ), presidente da CPI dos Sanguessugas, ao anunciar o fim do depoimento prestado pelo empresário Luiz Antonio Vedoin - blog de Ricardo Noblat, 3-8-2006.

”Como fundador do PT, quero fazer um apelo ao presidente do partido (Ricardo Berzoini) para que inicie a apuração e para que o Conselho de Ética convoque José Ayrton Cirilo imediatamente. Se for necessário, que ele seja expulso”.

- Paulo Rubem Santiago, deputado federal - PT/PE - *Estado de S. Paulo*, 4-8-2006.

”Todo mundo já sabe que nós temos duas opções: ou vota em sanguessuga ou vota em mensaleiro!”

- José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 5-8-2006.

A constituinte de Lula

”Despolitiza a agenda e a pauta”

- José Dirceu, ex-ministro Chefe da Casa Civil, comentando a proposta de Lula de uma Constituinte - *Folha de S. Paulo*, 4-8-2006.

Páginas da vida

”Não é verdade que Edson Celulari vai ter um caso com Tarcísio Meira na novela das oito. E não se fala mais nisso!” - Tutty Vasques, jornalista - *Nominimo*, 5-8-2006.

A educação brasileira

”Você sabe quantos alunos temos no ensino fundamental? São 34 milhões, ou seja, praticamente uma Espanha só de crianças da primeira à oitava série. Destes, quase dez milhões estão a mais no sistema. São jovens entre 15 e 20 anos ainda dentro do ensino fundamental. É o que a gente chama de defasado, gente com idade incompatível com a série cursada. Eles estão atrasados porque repetiram inúmeras vezes. E ficam patinando dentro do sistema, sem conseguir avançar”.

- Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna - *IstoÉ*, 2-8-2006.

”Dos cinco milhões e meio de crianças que ingressam todos os anos na primeira série no País, apenas cerca de dois milhões concluem a oitava série. Ou seja, perdemos a metade das crianças no trajeto entre a primeira e a oitava série”.

- Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna - *IstoÉ*, 2-8-2006.

Solidariedade? Mais apatia e passividade

”Quando se fala de sociedades solidárias, a realidade é que sendo minorias e a porcentagem vai diminuindo em relação à população. Há mais passividade e mais apatia por parte da sociedade do que um compromisso real com o ambiente”.

- Francisco Toledano, espanhol, ativista ecológico - *El País*, 5-8-2006.

“Sou ecologista porque me preocupa o futuro dos meus filhos. Por isso praticamos o ecologismo social e não o naturalista que estuda a natureza”. - Francisco Toledano, espanhol, ativista ecológico - *El País*, 5-8-2006.

IHU em revista

| | |
|---------------------|---------------|
| Eventos | pg. 69 |
| IHU Repórter | pg. 77 |
| Errata | pg. 80 |

Finanças solidárias e moedas sociais

Alternativas para uma outra economia

Dia 8 de agosto, das 19h30min às 22 horas, na sala 1G119, acontece o evento *Alternativas para uma outra economia*, com Heloisa Primavera, que apresentará o tema: *Finanças solidárias e moedas sociais*. A redação da *IHU On-Line* adiantou o assunto e entrevistou por e-mail a palestrante do evento. Heloisa Primavera é bióloga pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Paris em Genética de Vírus e Biologia Molecular; mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e doutoranda em Economia pela Universidade de Buenos Aires. Sua atuação profissional no campo da docência inclui as áreas de Ciências Naturais, Ecologia, Epistemologia da Complexidade, Gestão de Programas Sociais e Economia Solidária. Consultora de empresas e organizações foi assessora de projetos especiais do BID, Banco Mundial, Unesco e Organização Mundial da Saúde. Fundadora da Rede Latino-Americana de Socioeconomia Solidária em 1999 foi animadora do Grupo Internacional de Animação do Pólo de Economia Solidária da Aliança para um mundo responsável, plural e solidária, onde criou o Grupo de Trabalho sobre Moeda Social. Participou na difusão desse programa em todas as edições do Fórum Social Mundial e nas principais conferências internacionais sobre Moedas Sociais e Economia Solidária. Atualmente, coordena o Projeto Colibri, cujo objetivo é formar uma rede de 3000 promotores de desenvolvimento endógeno na América Latina. Por sua atuação como promotora das redes de troca com moeda social na América Latina, recebeu o Premio de Mulher do Ano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Mulher e foi incluída na lista das Vinte Mulheres que fazem História pelo jornal *Clarín*, em 2002. Heloisa já concedeu uma entrevista para a *IHU On-Line* na edição número 21 do dia 10 de junho de 2002.

Clubes de trocas e moedas sociais

Entrevista com Heloisa Primavera

IHU On-Line - Em 2002, a senhora nos concedeu uma entrevista sobre economia solidária. Muitas coisas mudaram na sua concepção de economia solidária de lá para cá?

Heloisa Primavera - Quando você recorda essa data, é difícil acreditar que passaram somente quatro anos. Mas esse tempo foi muito intenso e talvez por isso pareça tanto mais. Vejamos o que aconteceu concretamente e a que se deve essa sensação de defasagem. Particularmente, como vivo na Argentina, 2002 foi o ano do caos em que houve a mudança de quatro presidentes em duas semanas e também do começo da recuperação. No setor da Economia Solidária, apareceram formas muito inovadoras como as *ollas populares* – enormes caldeirões onde pessoas cozinhavam para quem não tinha o que comer e servia-se nas ruas. Os clubes de troca num primeiro momento explodiram: a moeda social era a única que parecia dar conta da crise. Continuava aquele clima permanente de indignação pela “desaparição” das poupanças da forma surpreendente e escandalosa como aconteceu, as ruas eram isoladas, as fábricas, tomadas, e a população se organizava em assembleias de quarteirão, tentando dar vazão aquela fúria que se expressava com um genérico *Que se vayan todos*. Também é preciso dizer que, apesar de necessário, as diferentes formas de ação política direta e a própria Economia Solidária não se organizaram entre elas e ficaram fazendo *lobby* cada uma por seu lado. Vejo isso muito claramente porque nunca perdi o contato com o Brasil, e

essa foi uma diferença importante, porque aqui se organizou, claramente “de baixo para cima”, todo um movimento de formas associativas que, no ano 2000, culminou com a criação da Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária. É preciso, então, marcar essa diferença se queremos ser rigorosos na observação desse fenômeno que vem crescendo no mundo inteiro.

Especificamente, no espaço dos clubes de troca e moedas sociais, sem dúvida a realização do Fórum Social em Porto Alegre contribuiu para que eles fossem difundidos no mundo, e, em muitos lugares, se desencadeassem processos autônomos. Penso, concretamente, em Vitória da Conquista (Bahia) e numa experiência da Califórnia, que foram promovidas por pessoas que estiveram em nossas oficinas. Os governos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul estimulavam todo esse tipo de iniciativas, com uma sábia “não-intervenção”, que hoje sabemos ser crítica para os processos de empoderamento das organizações populares. Nenhuma ajuda é pouco, mas ajuda demais às vezes atrapalha; a experiência mostrou isso claramente.

Então, voltando ao sentido de sua pergunta, minhas concepções sobre a Economia Solidária mudaram muito nesse tempo. Acho que as próximas respostas vão mostrar bem isso, mas o central é que o processo de consolidação dessa mudança aparece claramente, além dos escritos publicados, na formulação do Projeto Colibri que substitui o Programa de Alfabetização Econômica, originalmente mais focado na implantação da moeda social. Diria

que se tratou do deslocamento do foco na exclusão pelo desemprego a promoção do desenvolvimento do território como “casa” coletiva dos excluídos.

IHU On-Line - Quais são as principais recordações que a senhora tem da época que morou no Brasil? Quais suas lutas, conquistas e preocupações desse momento? Como chegou a toda a idealização do clube de trocas?

Heloisa Primavera - Essa é uma pergunta muito especial, já que me leva direto à infância e adolescência, quando “praticava economia solidária” acompanhando meu pai que era médico de pobres e aceitava retribuição de seus serviços em mercadorias, chegando a casa com doces caseiros, galinhas mortas (inteiras), ovos etc. Acho que, sem dúvida, essa é a base da minha compreensão imediata das trocas solidárias. Mas também devo incluir a presença muito forte de Paulo Freire, já que tive a honra de pertencer aos primeiros grupos de alfabetização de adultos nas favelas da Marginal Tietê, em São Paulo, onde morava na época. Quase simultaneamente, veio à influência de minha mãe, que era atriz e me permitiu abraçar o teatro como atividade conscientizadora. Pertenci ativamente à geração do Teatro Oficina e com meu mestre Eugenio Kusnet²⁶

²⁶ **Eugenio Kusnet** (1898-1975): ator e diretor de teatro foi um dos poucos artistas no Brasil a juntar, de forma satisfatória, os conceitos de interpretação de Stanislavski - segundo os quais o ator deve buscar inspiração na emoção e na dramaticidade -, e de Bertolt Brecht - que defendia uma atuação marcada pela racionalidade, pelo distanciamento (ou "estranhamento"), colocando a narrativa em primeiro plano. Como ator, participou da mudança no estilo de encenação teatral no Brasil na década de 50, quando texto, diretor e atores eram

(amigo ele do próprio Stanislavski²⁷) aprendi com os *Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki²⁸ duas coisas que ainda estão bem vivas em mim: “Existem sempre duas verdades, não uma!”. “O que existe no futuro depende de você!” Que emoção verificar onde tudo isso está guardado. Obrigada pela pergunta.

IHU On-Line - Quais são as principais divergências internas em relação à visão da economia solidária?

Heloisa Primavera - Acredito que sejam bem mais que divergências internas. Considero que se trata do fenômeno da “cegueira” que Heidegger²⁹ assinala na sua concepção do *Dasein* no *Ser e Tempo*. Estamos aí lançados, somos “falados” por um discurso que já estava quando chegamos e só podemos ver em função disso. Todos temos nossas cegueiras cognitivas. Por

conjugados em uma unidade artística. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Constantin Stanislavski** (1863-1938): ator russo, desde os catorze anos. Foi um dos fundadores do Teatro de Arte de Moscou e a Sociedade Literária e Artística do Teatro de Maly. Criador do Sistema Stanislavski de atuação realista, ainda hoje básico na arte da representação. Também influenciou na ópera moderna, e impulsionou os trabalhos de escritores como Máximo Gorki e Anton Tchecov. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Máximo Gorki** (1868-1936): pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi um famoso escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo. Gorki foi escritor de escola naturalista que formou uma espécie de ponte entre as gerações de Tchekhov e Tolstoi, e a nova geração de escritores soviéticos. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Martin Heidegger** (1889 - 1976): filósofo alemão desenvolveu a fenomenologia existencial e é considerado como o mais original filósofo do século XX. Sua obra foi influenciada por Sócrates e Nietzsche e em seu trabalho mais importante, *"Being and Time"* (1927), ele esteve particularmente envolvido com a questão da existência do ser humano. Sobre Heidegger a *IHU On-Line* fez duas edições especiais: edição nº 185 e edição nº 187. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, ser brasileira me permitiu ver um lado do peronismo na Argentina que é invisível para os que nasceram lá. E não ver certas coisas de minha “brasilidade”, até que encontrei o pensamento de Darcy Ribeiro³⁰, que foi orientador de minha dissertação de mestrado, justamente sobre o peronismo. Falamos muitas vezes disso, com colegas e também com companheiros de militância política. Não é possível sair completamente de nossa cegueira cognitiva, mas reconhecê-la é um tremendo avanço: podemos incorporar outras visões e partilhar projetos com uns, deixando de satanizar os que não pensam como nós. Infelizmente, a doença da arrogância intelectual que nos faz tão mal, é quase incurável.

***IHU On-Line* - O que são moedas sociais? Como definiria as finanças solidárias?**

Heloisa Primavera - Moedas sociais são substitutos da moeda oficial que permitem expressar-se um mercado reprimido por falta de instrumentos de pagamento. Trata-se de moedas complementares às moedas oficiais, que são denominadas moedas sociais, quando produzidas e administradas por

³⁰ **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e lingüística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da *IHU On-Line*)

seus próprios usuários para distribuir a riqueza, em vez de concentrá-la, como tão bem o faz a moeda oficial graças ao mecanismo do juro bancário. Devem ser usadas como instrumentos de reconceitualização do fenômeno antropológico e social do dinheiro e são uma forma de empoderamento das pessoas. É incrivelmente transformador quando se chega à etapa reflexiva do processo, o que não ocorre sempre, ou seja, uma pessoa pode usar a moeda social sem compreender o que ela significa. Na verdade, é o mesmo que acontece na maioria das vezes, por isso é tão importante a função formadora dos promotores dos clubes de troca. Um exemplo extremo: o professor Paul Singer³¹ sabe bem disso, por isso incluiu os clubes de troca como EES (Empreendimento da Economia Solidária) no Atlas recentemente publicado pela SENAES. Mas a maior parte dos militantes da Economia Solidária no Brasil nem imagina... Assim, é fundamental incluí-la como instrumento das finanças solidárias, tendo em conta que estas devem ser múltiplas, variadas, ainda por criar, como o foco principal dirigido a recuperar o sentido de inclusão social perdida (não financeira!)

***IHU On-Line* - A senhora visualizou alguma mudança com a chegada de governos de esquerda ao poder na América Latina?**

Heloisa Primavera - Seria necessário caracterizar com maior precisão os governos a que você se refere, mas se

³¹ **Paul Singer**: austríaco, de Viena, mora no Brasil desde 1940. É formado em Economia e Administração, doutor em Sociologia, além de outras formações. Possui 23 obras publicadas e atualmente é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. (Nota da *IHU On-Line*)

falamos dos últimos anos, acredito que a “virada” chegou recentemente com a decisão de Chávez de incorporar a Venezuela ao Mercosul, como marco fundacional de um novo bloco político, capaz de desarmar os tratados de comércio bilaterais. Também tenho grande expectativa com a aposta que vários governos – alguns mais timidamente, outros menos – fazem na importância da incidência das organizações da sociedade civil e do diálogo com o poder público. Enfim, acredito que estamos num bom caminho e, adultamente, oscilo entre um otimismo moderado e adolescente em relação ao futuro.

IHU On-Line - Como a senhora vê a integração atual latino-americana? Existe um mercado solidário entre os países da América do Sul? E o que acha do conflito Uruguai-Argentina pelas papeleiras?

Heloisa Primavera - Tivemos recentemente em Córdoba, Argentina o encontro de cúpula dos presidentes dos países que integram o Mercosul e pudemos comprovar o estado embrionário em que estão essas relações. É esperável, já que são processos lentos e complexos, onde várias iniciativas devem convergir para produzir mudanças sustentáveis. Não acredito que sejam as reuniões de Presidentes e chanceleres as que vão tecer esse processo de integração, apesar de que elas têm alto valor simbólico. O conflito das papeleiras – que na Argentina fazemos questão de chamar “pasteiras” porque isso revela que o processo é muito mais tóxico ainda e que o Sul como sempre está sendo utilizado como lixão – desnuda as misérias dos governos nacionais e da irresponsabilidade que deveriam ser

políticas de Estado, como também da utilidade relativa da Corte de Haia. Aí temos uma nova oportunidade de a sociedade civil fazer-se escutar e da capacidade dos governos nacionais resolverem o que costuma ser um diálogo de surdos entre Estado, sociedade civil e mercado. Além disso, podemos ver a cara real do processo de integração regional, ainda tão frágil. Mas acredito que mudanças de médio prazo serão produzidas, como foi o caso da criação de um novo significado simbólico para a palavra “desaparecido” e o nascimento desse movimento social de características por um lado gandhianas, por outro “revolucionárias” que inauguraram nossas Mães da Praça de Maio. O caminho da construção da história é – no mínimo – fascinante.

IHU On-Line - Qual a evolução que foram tendo os clubes de troca? Ainda existe espaço para esses clubes?

Heloisa Primavera - Entre 1995 - 2001, os clubes tiveram um desenvolvimento absolutamente expansivo e, para mostrar sua potencialidade, passaram de 23 pessoas a seis milhões de envolvidos neles. Isso continua sendo um motivo de turismo acadêmico e jornalístico à Argentina: tenho pessoalmente registradas mais de 200 demandas em relação ao interesse por esse fenômeno. A partir de 2002, as crises, tanto interna como externa às redes de troca, muito mais rápido que aconteceu no seu crescimento, eles praticamente explodiram, como o fez o país, em certo sentido. Só que, mais uma vez, assistimos a um processo quase biológico, como diria Gregory Bateson³²

³² **Gregory Bateson** (1904-1980): britânico, dedicou-se a vários campos do conhecimento - biologia, antropologia, epistemologia, lingüística,

naquela famosa frase: “Por que as coisas se desordenam?” Hoje a ação está “reduzida” talvez a umas 100.000 pessoas, principalmente organizadas em pequenas unidades, onde se pratica mais a solidariedade de pequena escala e o saudosismo (tão próprio da cultura local) que a “revolução” de fazer sua moeda própria. O milagre já não existe. O sonho acabou. Mas acabou mesmo? Para quem? Talvez para a mídia, que só gosta de cifras altas e superlativas. Não deveria ser assim para a academia, que, infelizmente, com raras exceções, parece ter abandonado esse objeto de estudo que ela não foi capaz de reconceitualizar. O assédio dos financiamentos, talvez, estaria na origem dessa deserção prematura. É preciso esperar alguns anos para ver – não só porque acabou, mas – principalmente como se formou e em que se transformou. Impossível na cegueira cognitiva que não se reconhece como tal, principalmente nos formadores de opinião e nos (que deveriam ser) criadores de conceitos.

IHU On-Line - As finanças solidárias e os clubes de troca estão destinados a pequenas experiências ou eles seriam capazes de corroer de alguma forma o sistema neoliberal no qual estão inseridos?

Heloisa Primavera – Tomando a formulação de sua pergunta, acrescentaria a essas duas iniciativas que se referem uma à etapa previa à

psicoterapia. Em todas as áreas deixou sua marca. Desenvolveu estudos antropológicos pioneiros na Nova Guiné e Bali; participou das reuniões da Macy Foundation que deram origem a ciência da cibernética; estudou os golfinhos, foi o Membro do Conselho Universitário da Universidade da Califórnia e Membro Associado da Lindisfarne Association. Dentre seus livros podemos citar *Nauren, Steps to an Ecology of Mind* e *Mind and Nature*.(Nota da *IHU On-Line*)

produção e outra à comercialização propriamente dita, outras relacionadas à etapa produtiva (cooperativismo crítico, diversas formas de autogestão, pequenas unidades familiares), como o comércio justo crítico, o consumo ético e responsável e o diálogo com o poder público para assumir a responsabilidade da sustentabilidade econômica, política, social e ambiental... Ou seja, só então poderíamos falar de um modelo de desenvolvimento alternativo, nosso foco principal, esse famoso “outro mundo” possível.

IHU On-Line - Como avalia o governo Kirchner? Qual seria seu balanço?

Heloisa Primavera – Muito positivo por um lado, com algumas restrições ao “estilo” que, se o tenta ainda não consegue, ser plural, aberto e participativo dos “diferentes” aos aliados incondicionais. Ao lado de muitas conquistas inegáveis no campo dos direitos humanos, da economia e da realocação de pactos institucionais prévios, faltam algumas dívidas internas, relacionadas a diminuir as desigualdades e a uma cultura do trabalho em setores que se encontram quase lumpenizados pelo efeito de planos sociais que não são capazes de dar conta dessa reparação.

IHU On-Line - A senhora olha com esperança para as novas lideranças da América Latina como Evo Morales, Chávez, Bachelet? O que podemos esperar para nosso continente?

Heloisa Primavera – Considero-me historicamente privilegiada de viver nessa época: Chávez, Morales, Bachelet! Um militar nacionalista, erudito e poeta apaixonado, um membro íntegro das primeiras nações dessa Pátria Grande e uma mulher culta que foi marcada pelo peso de uma das mais ferozes ditaduras

da região. Se nos animássemos a pensar com a cabeça de videogame, as probabilidades de ocorrência dessa combinação estão quase na mesma ordem de aparição do ADN! Mas aconteceu e é como ganhar na loteria: ganhamos! Agora, é hora de pensar que não devemos esperar e sim sonhar, como diz Oscar Niemeyer³³ na capa da última *Caros Amigos* e começar a fazer, como disse outro companheiro que preferiu não falar de flores.

³³ **Oscar Niemeyer (1907):** Arquiteto e urbanista brasileiro considerado um dos nomes mais influentes na Arquitetura Modernista Internacional. Foi um pioneiro na exploração das possibilidades construtivas únicas do concreto armado. Em 1956, iniciou, a convite do presidente da República, JK, colaboração na construção da nova capital, cujo plano urbanístico foi confiado a Lucio Costa, arquiteto e urbanista. Em 1958, foi nomeado arquiteto-chefe da nova capital e transferiu-se para Brasília, onde permaneceu até 1960. Em 1972, abriu um escritório em Paris. Realizou também grande número de projetos no exterior, como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris, 1967; a Universidade de Constantine, na Argélia, 1968; a sede da Editora Mondadori, em Milão, 1968. O site da Fundação Oscar Niemeyer (www.niemeyer.org.br) apresenta suas idéias, obras em arquitetura, urbanismo, mobiliário, esculturas, serigrafia, cenografia e sua bibliografia. (Nota da *IHU On-Line*)

As “beatas” da Companhia de Jesus

IHU Idéias

Nesta quinta-feira, 10 de agosto, o IHU Idéias traz a palestra *As “beatas” da Companhia de Jesus*. A atividade faz parte da programação do Ano Jubilar Inaciano, comemorado de 3 de dezembro de 2005 a 3 de dezembro de 2006 no mundo inteiro. A condução do evento está a cargo da Prof.^a Dr.^a Beatriz Franzen, docente no PPG em História da Unisinos. A atividade vai das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU. A entrada é franca.

Adiantando alguns aspectos do IHU Idéias, Franzen explicou que “as cartas ânuas da Província Jesuítica do Paraguai (séculos XVII e XVIII) designam como Beatas da Companhia mulheres das cidades de Córdoba, La Rioja, Santiago del Estero, Santa Fé, Assunção e Buenos Aires que se dedicavam à vida religiosa, mas sem abrir mão de sua liberdade pessoal, isto é, não viviam em clausura”. E continua: “Faziam votos de castidade e pobreza; em geral, eram mulheres idosas, mas as cartas relatam casos de jovens donzelas que acompanharam suas mães quando estas, depois de viúvas, passaram a dedicar-se à vida de beatas. Além de orarem, as beatas, recolhidas em suas residências, empenhavam-se na educação das meninas, no atendimento aos órfãos e enfermos, no enterro dos pobres e no apoio às mulheres por ocasião dos Exercícios Espirituais, pregados pelos jesuítas. A maioria delas fiavam e teciam para atender ao seu sustento e da casa que mantinham”.

Conforme Beatriz Franzen, “as beatas da Companhia não tinham nenhum vínculo com a Companhia de Jesus, mas eram muito respeitadas pelos inacianos, que viam nelas excelentes auxiliares no atendimento espiritual às mulheres da comunidade. Também a população das cidades tinha por elas grande respeito e consideração.

Nas cartas consultadas do período entre 1650-1750, na Província Jesuítica do Paraguai, as beatas da Companhia viviam nas cidades, eram espanholas ou nascidas na colônia. Nestes documentos, não há referência a mulheres indígenas que fossem assinaladas como beatas. A existência das beatas da Companhia é comprovada pelos vários Certificados de Beata, arquivados nos aposentos do Padre Reitor do Colégio de Buenos Aires, encontrados por

ocasião do seqüestro dos bens jesuíticos quando da expulsão dos inacianos do Império Espanhol, em 1767”.

Graduada em História e Geografia pela UFRGS, Beatriz Franzen é especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Unisinos e doutora em História pela Universidade de Lisboa, Portugal, com a tese *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640). Um estudo comparativo*, publicada em 1999 pela Editora Unisinos. É autora, também, de *Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais; novos estudos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

Introdução à linguagem cinematográfica e às representações da Idade Média no Cinema

Idade Média e Cinema II

Repensar a história medieval de uma maneira diferente é o objetivo do Idade Média e Cinema II, evento promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com o curso de História da universidade. Através de clássicos do cinema, acadêmicos e professores poderão debater a forma como a história mundial é apresentada pela chamada sétima arte, buscando, também, demonstrar a importância do cinema como fonte histórica.

O evento inicia nesta sexta, 12, na sala 1G119, às 8h30min, com a palestra Introdução à linguagem cinematográfica e às representações da Idade Média no Cinema. Os ministrantes serão Miriam Rossini, professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e José Alberto Baldissera professor do curso de História da Unisinos.

A inscrição para o evento pode ser feita no setor de admissão e matrícula ou pelo sítio www.unisinos.br/ihu.

Walter Doell Wegermann



Sua área de trabalho é a informática, mas as paixões que mais o animam estão na sua família e na Igreja. Sua ascendência alemã é fácil de ser percebida, alto, loiro, daqueles cuja voz fica ressoando, particularmente nas suas contagiantes gargalhadas. Walter Doell Wegermann, líder da Equipe Internet da GSI fala, na entrevista a seguir, de sua vida, suas paixões e seus valores.

Origens – Nasci no dia 10 de maio de 1967, em Três Passos, aqui no Rio Grande do Sul, mas deixei a cidade com nove meses. Fui com meus pais para o Rio de Janeiro e morei lá até os 10 anos de idade. Então passei maior parte da minha infância lá. Metade dessa infância, no interior do estado, e os outros cinco anos na beira da praia, na Ilha do Governador. Depois disso, meu pai recebeu uma outra proposta de emprego, aqui para o Rio Grande do Sul, e então voltamos. Ficamos em Porto Alegre e mais tarde fomos morar em Canoas. Foi bom voltar, o Rio Grande do Sul é diferente do Rio de Janeiro. Na verdade, a opção de voltar foi mais por causa da educação. A minha mãe é carioca e nossa família estava toda lá, mas pelo próprio estilo de vida no Rio iríamos acabar não tendo as mesmas oportunidades que no Rio Grande do Sul. E meu pai é gaúcho, então isso também contou. Tenho uma irmã dois anos mais nova, a Ingrid, que nasceu no Rio de Janeiro, em Nova Friburgo. Estudei em Canoas e depois fiz vestibular na Unisinos para Informática.

Trajatória – Quando iniciei a faculdade, comecei a trabalhar. Uma empresa de informática, que havia no Centro de Canoas, me contratou e, durante um ano, dei aulas de informática. Depois disso, tive um semestre de folga, que foi o semestre em que passei manhã, tarde e noite na Unisinos, só em função de estudo. O semestre mais intenso de atividade acadêmica, propriamente dito. Depois desse semestre, surgiu uma oportunidade na Unisinos de fazer um curso de extensão no chamado NPD, que agora é o GSI, o Departamento de Tecnologia da Unisinos. Resolvi entrar nesse curso de extensão, depois passei por processos seletivos e fui convidado para fazer estágio. Terminei a faculdade trabalhando na Unisinos. Fui efetivado e estou aqui há 18 anos. Atualmente moro em Porto Alegre, com Andréia, minha esposa, com quem sou casado desde 1994 e com minha filha de oito anos, a Laura.

Paixões - Acho que a minha maior paixão é Deus e as coisas de Deus, além da minha esposa e minha filha Laura.

Família - Eu conheci a Andréia na igreja, participávamos da mesma comunidade evangélica. Depois, na faculdade, cada um foi para o seu caminho. Voltamos a encontrar-nos e começamos a namorar. Logo em seguida, casamos. Três anos depois, nasceu a Laura.

Religião - Sou bastante religioso. Até hoje, eu frequento a igreja Brasa, nome abreviado da 1ª Igreja Batista de Porto Alegre, que foi dado pela juventude na década de 1970 e permanece até hoje. Temos muitos projetos sociais em diversas áreas.

Horas livres - Além de participar desses projetos, gosto de ficar com a família e amigos. Nós temos um grupo de amigos muito bom que veio da própria comunidade evangélica que frequentamos.

Livro - Um livro que eu gostei muito foi o da Zélia Gattai, *Anarquista Graças a Deus*. Ele relata histórias de pessoas simples, e é muito parecido com a história da minha família. Ainda quero escrever um livro, nesse estilo, mas a respeito da minha família, como é que eles vieram, como emigraram.

Autor - Citaria um teólogo chamado Kenneth E. Hagen³⁴, que é americano, morreu faz pouco tempo, bem velhinho, 90 anos, uma mente fantástica. Este marcou minha vida.

Sonho - Um sonho só é pouco ! Mas o sonho maior é poder ajudar as pessoas. É, na verdade, de alguma forma, minimizar as dificuldades que temos na vida, no dia-a-dia. Esse sonho me leva a trabalhar em ação social, a entender de forma prática o que o evangelho diz para as pessoas nos dias de hoje, sem colocar muita mística, muito romance.

Férias - Acho que férias perfeitas seriam com os meus amigos, minha família, num lugar onde pudéssemos nos divertir, sem precisar fazer comida nem ter que arrumar a casa, brincar com a milha filha na beira da praia, uma vida simples.

Filmes - *Os Intocáveis* do Brian de Palma, *Pulp Fiction* do Quentin Tarantino, mas principalmente *Starwars*, de George Lucas.

Time - Claro que é o Colorado.

Presente - Livros. Amo livros.

Eleições - Nesses últimos anos, votei no Lula, na esperança de ver mudanças. Mas eu confesso que estou um pouco decepcionado. Embora entenda que, num processo

³⁴ **Kenneth George Hagen** nasceu em 2 de julho de 1936, nos Estados Unidos. Estudou em Augsburg College e formou-se em 1958. Entrou para a Harvard Divinity School e Harvard University e formou-se teólogo. Entre suas inúmeras publicações, estão *Luther's Lectures on Hebrews in the Light of Medieval Commentaries on Hebrews*, 1968; *Foundations of Theology in the Continental Reformation: Questions of Authority*, 1974; *Luther's Approach to Scripture*, 1993. (Nota da *IHU On-Line*)

maior, quem nunca governou tem quer ter a chance de fazê-lo. Está muito difícil dizer quem seria o melhor candidato. Eu não tenho candidato definido ainda. Gosto do estilo do Alckmin, mas tenho que ver as propostas que ele vai fazer.

Unisinos - Eu amo a Unisinos. A Unisinos é a minha vida. Apreendi muito aqui. Considero uma das universidades de referência no mundo. E vejo que ela está num momento de desafio, mas que tem tudo para superar esse momento e crescer ainda mais. Tem vários pontos de referência, como o próprio IHU.

Instituto Humanitas Unisinos - Eu amo a proposta. É algo inovador. O IHU é conhecido pela qualidade que ele tem. Vejo que é uma construção que tem crescido de forma sólida.

Errata

Na edição passada da ***IHU On-Line***, na página 71, editoria ***IHU Repórter***, os dois nomes citados foram grafados erradamente: Bernardo Melz, padre jesuíta que, durante décadas foi capelão do Hospital Centenário de São Leopoldo, e Alberto Braun, padre jesuíta, professor de exegese bíblica no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo.